SOBRE INTER-RELAÇÕES DE GRAMÁTICAS DURANTE OS ESTÁGIOS INICIAIS DE AQUISIÇÃO FONOLÓGICA DE L3

Brenda da Silva Barreto[1]

RESUMO

Neste artigo, pretende-se apontar os principais fatores que possam caracterizar e atuar na transferência linguística durante a fase inicial de aquisição fonológica de uma terceira língua em fase adulta. Além disso, trataremos do trabalho de autores que se ocupam em explicar o papel da Gramática Universal no processo, apresentaremos a proposta de transferência regressiva de Amaro & Rothman (2010) e defenderemos a influência das relações tipológicas entre as línguas como um dos possíveis fatores determinantes da transferência linguística.

Palavras-chaves: Aquisição de L3, aquisição fonológica, Gramática Universal, transferência regressiva, tipologia linguística

ABSTRACT

In this paper we intend to indicate the principal aspects that can characterize and influence language transfer during the initial stage of the phonological acquisition process of a third language in adulthood. Moreover, we will present the contributions of some authors who concern themselves with

---

1 Doutoranda do Programa de Pos-Graduação em Linguística da UFRJ. E-mail: brenda_sibar@yahoo.co.uk

Volume 13, número 3 de dezembro de 2017
Fonologia e Morfologia de Empréstimos e Aquisição Fonológica de L2/L3
Loanword Phonology and Morphology and Phonological Acquisition of L2/L3

Revista Linguística **24**

explaining the role of the Universal Grammar in the process, present Amaro & Rothman (2010)´s regressive transfer hypothesis and defend the influence of typological relations among languages as a possible determining factor of transfer.

Keywords: L3 acquisition, phonological acquisition in adulthood, Universal Grammar, regressive transfer, linguistic typology

Introdução

Apesar de reconhecer a importância dos estudos em aquisição[2] de segunda língua e suas possíveis contribuições na área de aquisição da linguagem em geral, acreditamos que a aquisição de uma terceira língua, doravante L3[3], por exemplo, não seja simplesmente uma extensão do bilinguismo e, por conseguinte, deva ser diferenciada da aquisição de L2. Isso indica que embora o termo L2 seja frequentemente utilizado como termo guarda-chuva, deve-se ter um olhar atento e não tratar o aprendiz de uma L3 como um simples aprendiz de mais uma L2. Muitos fatores envolvem o aprendizado de uma terceira língua, devendo, portanto, ser examinados. Concernente ao processo de aquisição e da representação de L3, deve-se levar em conta primeiramente a possibilidade de que os sistemas das línguas estrangeiras sejam independentes do sistema linguístico da língua nativa, devido à possibilidade de que a Gramática Universal já não esteja mais disponível após o período crítico, conforme veremos adiante. Um dos argumentos em favor de tal hipótese é a existência da interlíngua. Como interlíngua, entendemos se tratar da língua produzida por aprendizes de uma língua estrangeira durante o processo de aprendizagem em estágio intermediário. O termo foi cunhado por Selinker (1972), que pretendia descrever a competência dos aprendizes na língua alvo e descobrir qual seria a fonte dessa competência. Algumas características são particulares das interlínguas. Na fonologia, por exemplo, os aprendizes realizam alguns ajustes, tais como: velocidade reduzida da fala, uso de pausas e tonicidade em demasia, articulação mais cuidadosa, nível de entonação exagerada e o uso de formas completas em detrimento de contrações (cf.TAVAKOLI, 2012, 140, 188). Nessa fase, é comum a existência de estruturas inexistentes tanto na língua nativa ou língua anterior quanto na língua alvo, o que corrobora a hipótese de que se tratem de sistemas linguísticos independentes, conforme

---

2   Neste artigo, usaremos os termos aquisição e aprendizagem de forma intercambiável. É sabido que tais termos referem-se a diferentes processos. No entanto, devido à irrelevância da seleção de um termo em detrimento de outro aqui, não nos preocuparemos com tal distinção terminológica.

3   Entendemos como L3 a terceira língua adquirida por um falante em ordem cronológica. Levando-se em conta as especificidades e diferenças entre os processos de aquisição e aprendizagem, poderíamos dizer que L3 se trata da segunda língua estrangeira aprendida por um falante em ordem cronológica.

Volume 13, número 3 de dezembro de 2017
Fonologia e Morfologia de Empréstimos e Aquisição Fonológica de L2/L3
Loanword Phonology and Morphology and Phonological Acquisition of L2/L3

Revista Linguí∫tica **25**

mencionado anteriormente. Embora não estejamos trabalhando diretamente com interlíngua neste artigo – nosso estudo concentra-se em estágios iniciais de aquisição fonológica – acreditamos que seja necessário mencioná-lo devido à possibilidade de encontrar fenômenos comuns durante as duas fases supracitadas.

A competência em dois sistemas linguísticos pressupõe a existência de gramáticas que podem se inter-relacionar principalmente durante os estágios iniciais de aprendizagem de uma terceira língua. Com isso, percebe-se a importância de se considerar cuidadosamente a influência translinguística e nos ocuparmos em investigar a aquisição de uma língua através da relação estabelecida entre a língua que está sendo aprendida num determinado momento e outras que tenham sido aprendidas anteriormente. Daí a relevância em se observar cuidadosamente a língua do aprendiz numa fase específica de desenvolvimento, em nosso caso, o estágio inicial – uma fase da aprendizagem que, assim como a interlíngua, pode ser dotada de regularidade e que não deve ser tratada como um sistema inferior ao sistema da língua alvo.

Odlin (1989, 27) aponta que a transferência linguística resulta da influência de aspectos semelhantes e divergentes entre as línguas envolvidas no processo de aquisição, ou seja, aquelas que já foram aprendidas e a língua alvo. O autor completa dizendo que muitos fatores podem estar relacionados e, como tais, podem conduzir o processo de medição da transferência linguística, tais como: o que se entende por transferibilidade, por tipologia linguística e por universais linguísticos (cf. ODLIN, 2007, 437). É necessário, por exemplo, observar como a proximidade entre as línguas irá influenciar a transferência, ou seja, se línguas cujos componentes da gramática sejam semelhantes poderão favorecer ou não um tipo de transferência em detrimento de outro.

Os subsistemas linguísticos são afetados pela transferência de formas diferentes e por fontes diferentes. Isso significa que os componentes da gramática sofrem a influência das línguas dominadas pelo aprendiz de formas distintas. O debate continua sendo um tópico importante, pois existem evidências de que a morfossintaxe e a semântica, por exemplo, não sofram efeitos do período crítico da mesma forma que sofre a fonologia. Ellis (1989, 106) afirma que em se tratando da aprendizagem, no que diz respeito ao sistema fonológico de adultos, a puberdade "é particularmente o caso no qual se trata de pronúncia (...). Em outras palavras, na medida em que se trata de sucesso na pronúncia, aprendizes mais jovens se saem melhor."[4]. Letica & Mardesic (2007, 309) complementam dizendo

---

4   "(...) is particularly the case where pronunciation is concerned (...) In other words, as far as success in pronunciation is concerned, younger leaners do better." (tradução nossa)

Volume 13, número 3 de dezembro de 2017
Fonologia e Morfologia de Empréstimos e Aquisição Fonológica de L2/L3
Loanword Phonology and Morphology and Phonological Acquisition of L2/L3

Revista Linguística **26**

que:

> Parece óbvio que a influência translinguística possa ser encontrada em todos os subníveis linguísticos, mas a direção e a frequência da transferência podem variar consideravelmente. Na área da fonologia é bem sabido que o sotaque baseado na L1 na produção oral de falantes não nativos pode ser encontrado muito frequentemente mesmo em estágio avançado de aprendizagem.[5]

Dito tudo isso, pressupõe-se que a fonologia seja o componente da gramática mais afetado pela transferência linguística e, por isso, surge nosso interesse em estudá-lo. Neste artigo, portanto, pretendemos apontar os principais fatores que possam caracterizar e atuar na transferência linguística durante a aquisição fonológica de uma terceira língua. Em consonância, trataremos do trabalho de autores que se ocupam em explicar o papel da Gramática Universal no processo, devido à importância em saber se os universais linguísticos ainda estariam disponíveis durante a aquisição de uma terceira língua em fase adulta. Além disso, apresentaremos a proposta de transferência regressiva de Amaro & Rothman por considerarmo-la uma inovação, visto que grande parte dos trabalhos em aprendizagem de língua estrangeira trata da transferência progressiva. E defenderemos o papel das relações tipológicas entre as línguas como um dos possíveis fatores determinantes da transferência linguística por acreditarmos que a proximidade ou distância entre as línguas atue durante o processo. Antes, entretanto, trataremos sucintamente da aquisição fonológica de terceira língua.

1. Aquisição de Fonologia de Terceira Língua

Conforme mencionado na seção introdutória deste artigo, há autores que defendem que a transferência linguística se dá de diferentes formas, de acordo com o subsistema linguístico com o qual estamos lidando. Interessa-nos, portanto, especificamente a aquisição da fonologia de uma L3. Defendemos que o aprendiz de L3 seja diferente do aprendiz de L2 porque para o primeiro os possíveis candidatos para a transferência estão em maior número. Tanto a L1 quanto a L2 podem fornecer material fonológico durante a aquisição da L3. Num primeiro momento, quando se pensa em transferência fonológica entre línguas, considera-se que a L1 seja a principal fonte do fenômeno. No entanto, ao tratarmos de uma L3, não podemos ignorar o papel da L2. Conforme Amaro (2012, 38), a transferência de L2 para L3 pode depender da psicotipologia, por exemplo. A psicotipologia, sobre a qual trataremos mais adiante, refere-se à percepção do aprendiz em relação às diferenças e

---

5 "It seems obvious that cross-linguistic influence could be found at all linguistic sublevels, but the direction and frequency of transfer can vary considerably. In the area of phonology it is well known that L1-based accent in the speech of non-native speakers can be found very often even at an advanced stage of learning." (tradução nossa)

Volume 13, número 3 de dezembro de 2017
Fonologia e Morfologia de Empréstimos e Aquisição Fonológica de L2/L3
Loanword Phonology and Morphology and Phonological Acquisition of L2/L3

Revista Linguística **27**

semelhanças entre as línguas. Outro fator que pode contribuir para que o falante recorra à L2 são os fatores psicoafetivos, ou seja, o falante acaba se apoiando no sistema da L2 ao evitar conscientemente a L1 na tentativa de se esquivar do sotaque estrangeiro.

O que muitos estudos têm mostrado, na verdade, é que tanto a L1 quanto a L2 são fontes da transferência fonológica durante a aquisição de L3. É o que De Angelis (2007) chama de transferência combinada. Levando em conta uma perspectiva gerativa, o fenômeno da transferência combinada inclui, na verdade, todos os sistemas das línguas já adquiridas, assim como os universais linguísticos, que são os aspectos fonológicos presentes em todas as línguas, incluindo a GU, os princípios de aquisição, a marcação, restrições e universais estilísticos (cf. MAJOR 2008, 76).

Por fim, vale ressaltar que neste artigo trataremos da transferência fonológica durante as fases iniciais do processo de aquisição. Com o aumento da proficiência em L3, as fontes de transferência podem e tendem a mudar significativamente. Podendo, assim modificar os fenômenos e sua natureza.

Conforme mencionado anteriormente, são muitos os estudos dedicados aos fenômenos que possam ocorrer durante a aquisição fonológica de uma terceira língua. A maioria deles concentra-se no sistema linguístico da L3 que está sendo adquirido no momento da investigação. Nossa proposta aqui, no entanto, é que se observe com mais cuidado os efeitos durante os estágios iniciais de aquisição fonológica de uma terceira língua no sistema fonológico da língua anterior, ou seja, a transferência regressiva. Com isso, não podemos, entretanto, ignorar todas as especificidades do processo de aquisição de terceira língua, embora estejamos mais interessados em analisar o sistema que já está "consolidado" – que seria o sistema fonológico da L2, ou seja, os possíveis efeitos da aquisição fonológica de L3 no sistema fonológico da L2. Apresentaremos adiante e mais detalhadamente, as bases teóricas que possam contribuir para o desenvolvimento de nossa proposta.

2. A Gramática Universal (GU) e a Aquisição de Língua Estrangeira

Embora não seja o foco deste artigo, cabe-nos mencionar que a diferença primordial entre aquisição e aprendizagem é instituída levando-se em conta a idade com a qual o falante está tendo contato e recebendo *input* de uma determinada língua. Muito dessa discussão advém da postulação chomskiana da Gramática Universal (1965) e da discussão do período crítico postulado por Lenneberg (1967). Daí surge uma das questões mais importantes concernente aos estudos em aquisição de línguas: a possibilidade de que as propriedades da Gramática Universal governem a aquisição de uma

Volume 13, número 3 de dezembro de 2017
Fonologia e Morfologia de Empréstimos e Aquisição Fonológica de L2/L3
Loanword Phonology and Morphology and Phonological Acquisition of L2/L3

Revista Linguística **28**

língua estrangeira.

A priori, a GU é uma parte biológica e inata da faculdade da linguagem, através da qual o falante tem acesso à gramática da língua à qual está sendo exposto e da qual ele recebe o *input* durante os primeiros anos de vida. Além disso, a GU fornece todas as possibilidades de organização dessa gramática (WHITE, 2003, 02).

> A gramática de uma língua particular será, então, suplementada pela gramática universal que acomoda o aspecto criativo do uso da língua e expressa as regularidades profundamente assentadas que, sendo universais, são omitidas da gramática propriamente dita. (...) Somente quando suplementada pela gramática universal é que a gramática de uma língua fornece uma prova completa da competência do falante-ouvinte.[6]

Considerando-se que a capacidade humana de adquirir uma língua não é vitalícia, ou seja, é determinada pela idade do falante e não permanece ativa durante toda sua vida, a grande questão que surge é se existiria um período crítico na aquisição de uma língua diferente da língua materna e, por conseguinte, se a representação da produção linguística do aprendiz seria afetada pela GU. Conforme afirma White (2007, 22), há dois pontos que devem ser levantados ao tratarmos da aquisição de língua estrangeira: (i) o problema lógico e (ii) a disponibilidade da GU.

> O primeiro é se os aprendizes de L2 alcançam conhecimento inconsciente (uma representação mental) que vai além do input em L2. (Não haveria absolutamente nenhum problema lógico se os aprendizes de L2 acabassem não alcançando conhecimento que vai além do input.) A segunda questão é se tal conhecimento (se encontrado) é alcançado através dos meios da GU.[7]

White defende que tais questionamentos não podem ser considerados como sendo apenas um, pois não seria apenas a observação o meio através do qual o aprendiz aprendeu a língua alvo. Por outro lado, isso não bastaria para afirmar que a GU ainda estaria ativa, pois o sucesso no aprendizado pode ter ocorrido devido ao auxílio da L1 e não a uma GU ainda em funcionamento. Além disso, há ainda a hipótese de que alguns módulos da gramática possam ser mais afetados que outros pela

---

[6] "The grammar of a particular language, then, is to be supplemented by a universal grammar that accommodates the creative aspect of language use and expresses the deep-seated regularities which, being universal, are omitted from the grammar itself. (...) It is only when supplemented by a universal grammar that the grammar of a language provides a full account of the speaker-hearer's competence."(tradução nossa)

[7] "The first issue is whether L2 learners attain unconscious knowledge (a mental representation) that goes beyond the L2 input. (There would be no logical problem at all, if L2 leaners turned out not to achieve knowledge that goes beyond the input.) The second issue is whether such knowledge (if found) is achieved by means of UG." (tradução nossa)

Volume 13, número 3 de dezembro de 2017
Fonologia e Morfologia de Empréstimos e Aquisição Fonológica de L2/L3
Loanword Phonology and Morphology and Phonological Acquisition of L2/L3

Revista Linguística **29**

possível existência de um período crítico, sendo a fonologia possivelmente um dos ou o mais afetado (AMARO; ROTHMAN, op.cit., 276), conforme apresentado anteriormente.

Segundo Ellis (2003, 69), as hipóteses levantadas concernentes ao acesso à GU durante a aquisição trabalham com a possibilidade de que o aprendiz possa ter (i) total acesso a Gramática Universal, segundo o qual, o aprendizado de uma língua após o período crítico seria idêntico ao processo que acontece quando a criança está aprendendo sua língua materna; (ii) acesso parcial, ou seja, o acesso aos parâmetros da GU dar-se-ia através da língua materna do aprendiz e o reativamento de parâmetros relevantes à L2 aconteceria por intermédio da correção de erros e instrução formal; (iii) acesso dual, isto é, os aprendizes utilizariam tanto a GU quanto estratégias de aprendizagem; ou (iv) nenhum acesso, ou seja, a GU não estaria disponível para os aprendizes adultos, que teriam que utilizar estratégias gerais de aprendizagem, não especificamente relacionadas à linguagem.

Na seção seguinte, trataremos da Hipótese da Permeabilidade Fonológica de Amaro & Rothman, cuja proposta é de que existam diferenças fundamentais concernentes à representação fonológica de línguas adquiridas durante o período crítico e posteriormente a ele. A ocorrência de transferência regressiva poderia indicar o acesso ou não à GU durante o processo de aquisição fonológica.

3. A Hipótese da Permeabilidade Fonológica (HPF)

Muitos dos estudos em aquisição de língua estrangeira são realizados pautando-se na possibilidade de transferência progressiva de um sistema para outro, ou seja, a influência da L1 ou L2 na produção oral (ou até mesmo escrita) das línguas aprendidas posteriormente. A hipótese levantada por Amaro & Rothman (op.cit.), a Hipótese da Permeabilidade Fonológica (HPF; em inglês *Phonological Permeability Hipothesis*, PPH), no entanto, irá tratar da possibilidade de que o sistema fonológico da L3/Ln possa afetar o sistema fonológico de uma língua adquirida anteriormente – L2 ou, até mesmo, L1. Para os autores, tal hipótese poderia mostrar se o aprendiz de uma nova língua pós-período crítico ainda tem acesso à Gramática Universal, pois

> Se a aquisição fonológica da L1 e da L2 faz uso dos mesmos universais fonológicos (princípios e parâmetros) e/ou alcançam o mesmo nível de estabilidade (um estado fixo permanente), por que haveria diferença nos efeitos da L3 nos dois sistemas? A HPF afirma que tal diferença provê indireta, mas importante evidência, sugerindo que os sistemas não são, na verdade, representados mentalmente da mesma forma."[8] (Amaro & Rothman, op. cit., 280-281)

_____

8   "If L1 and L2 phonological acquisition make use of the same phonological universals (principles and features) and/or achieve the same level of stability (a truly steady state), why would there be a difference in L3 effects on the two systems? The PPH argues that such a difference provides indirect but important evidence suggesting that the systems are not, in fact, mentally represented in the same manner." (tradução nossa)

Volume 13, número 3 de dezembro de 2017
Fonologia e Morfologia de Empréstimos e Aquisição Fonológica de L2/L3
Loanword Phonology and Morphology and Phonological Acquisition of L2/L3

Revista Linguística **30**

O acesso ou não à Gramática Universal pós-período crítico poderá ser observado através da interação entre as línguas. À luz dessa hipótese, os autores discutem a possibilidade de transferência regressiva através de um estudo sobre multilinguismo, no qual eles examinam o início do processo de aquisição do português brasileiro por dois grupos de falantes: (i) bilíngues simultâneos de inglês e espanhol e (ii) falantes nativos de inglês que aprenderam espanhol posteriormente. Vale ressaltar que os participantes do primeiro grupo adquiriram tanto o inglês quanto o espanhol antes do período crítico, enquanto no segundo grupo encontram-se os participantes que adquiriram somente o inglês como língua materna. Nesse artigo, o mesmo onde os autores apresentam a HPF, sugere-se que o contato com uma terceira língua (português brasileiro) após a puberdade possa revelar o status das línguas adquiridas anteriormente do ponto de vista do processo de aquisição, ou seja, o contato com um novo sistema linguístico pode influenciar (ou não) os sistemas linguísticos anteriores distintamente dependendo do processo de aprendizagem que tenha ocorrido. Amaro & Rothman (op. cit., 292-293) comprovaram que a transferência da L3 ocorreu somente no sistema da L2 dos participantes que tinham aprendido o espanhol após a puberdade. Isso mostra que, pelo menos do ponto de vista da aquisição fonológica de adultos,

> Com mais frequência é marcadamente diferente a aquisição fonológica normal de nativos. A hipótese nula é: a aquisição fonológica entre adultos é fundamentalmente diferente da aquisição fonológica na infância em sua representação mental (...) há diferenças condicionadas de forma maturacional pela maneira na qual sistemas fonológicos alvos adquiridos são diferentes em termos de estabilidade e não necessariamente de processos de desenvolvimento e acessibilidade a mecanismos internos que levem a tais processos (...) a HPF prevê especificamente que outras evidências de tal instabilidade serão vistas no cenário da aquisição de L3 através das assimetrias no grau e no tempo de interferência regressiva nas línguas adquiridas na idade adulta em oposição àquelas adquiridas na infância."[9]

Com isso, ao adotarmos a HPF como hipótese norteadora de nossa investigação, assumiremos num primeiro momento que não haja acesso à GU após o período crítico, pois isso foi o que ficou claro no trabalho dos autores. Além disso, deve-se considerar que muitas são as variáveis a serem controladas na tentativa de verificar a transferência regressiva, tais como (i) a proficiência e o status da L2, ou seja, o contato que o falante tem com essa língua (em que contexto, com que propósito e

9 "(...) it is most often markedly different from normal native phonological acquisition. The null hypothesis is thus: adult phonological acquisition is fundamentally different than childhood phonological acquisition in its mental representation.(...) there are maturationally conditioned differences for the manner in which newly acquired target phonological systems are different in terms of stability and not necessarily developmental processes and accessibility to internal mechanisms that drive these processes (...) the PPH specifically predicts that further evidence of such instability will be seen under the scenario of L3 acquisition via asymmetries in the degree and timing of regressive interference on languages acquired in adulthood as opposed to those in childhood" (tradução nossa)

Volume 13, número 3 de dezembro de 2017
Fonologia e Morfologia de Empréstimos e Aquisição Fonológica de L2/L3
Loanword Phonology and Morphology and Phonological Acquisition of L2/L3

Revista Linguística **31**

quão frequente); (ii) se o processo de aquisição da L2 já está completo ou não durante a realização de coleta de dados; (iii) qual foi o contexto de aquisição de L2 – formal ou informal (Amaro, 2013b, 102,103). Além disso, outro fator determinante pode ser a proximidade tipológica entre as línguas, assunto ao qual dedicaremos a próxima seção deste artigo.

4. Considerações acerca da Tipologia Linguística

As semelhanças tipológicas entre as línguas podem exercer influência tanto positiva quanto negativa (principalmente se partirmos para uma abordagem não só tipológica, mas também psicotipológica) durante o processo de aquisição. Muito se fala sobre os benefícios da interação de línguas consideradas "semelhantes", visto que alguns componentes da gramática familiares seriam aplicados sem muito esforço pelo aprendiz. Por outro lado, a proximidade entre línguas pode atuar também negativamente. É possível encontrar falantes que tentem evitar realizações aceitas pelo sistema da L1, por exemplo, durante a aquisição de uma L2 e, com isso, acabem por não realizar determinados padrões que, embora idênticos nas duas línguas, lhes pareçam inadequados por fazerem parte do sistema de sua língua materna. Tal fenômeno pode ocorrer porque o aprendiz tem consciência de que está aprendendo uma nova língua, o que significa um novo sistema linguístico – novo que significa também diferente do anterior. Por isso, interessa-nos a tipologia linguística como uma abordagem capaz de esclarecer muitos questionamentos no que concerne à aquisição de língua estrangeira.

De acordo com Croft (2003, 01-03), o termo tipologia linguística pode assumir, na verdade, várias definições e referir-se à:

(i) Classificação tipológica – a tipologia seria responsável por definir os tipos de línguas, enumerá-los e classificá-los. Para Croft, essa é a conotação básica do termo na contemporaneidade, que implica em comparação translinguística de alguma natureza;

(ii) Generalização tipológica – daria conta do estudo dos padrões (universais linguísticos) que ocorrem de forma sistemática nas línguas;

(iii) Abordagem tipológica (funcional) – seria uma abordagem ao estudo da língua ou metodologia de análise linguística. Este modelo contrastaria com abordagens tais como o estruturalismo americano e a gramática gerativa. O termo funcional advém da ideia de que a estrutura linguística possa ser explicada primeiramente através da função linguística.

Volume 13, número 3 de dezembro de 2017
Fonologia e Morfologia de Empréstimos e Aquisição Fonológica de L2/L3
Loanword Phonology and Morphology and Phonological Acquisition of L2/L3

Revista Linguística **32**

Do ponto de vista da aquisição, a abordagem tipológica pode contribuir através da comparação translinguística, conforme apontado por Croft, visto que os universais tipológicos podem explicar as dificuldades encontradas pelos aprendizes de uma língua estrangeira, bem como antecipar as possíveis transferências e, consequentemente, esclarecer a organização do sistema que está sendo adquirido.

No que diz respeito à aquisição de língua estrangeira, podemos nos apropriar da teoria para explicar como se dá a competência linguística do adulto. De acordo com Eckman (2011, 618), os estudos em tipologia linguística podem fornecer as fontes das restrições de aprendizagens às quais parecem estar sujeitas as gramáticas de aprendizes de língua estrangeira.

> A tese central desse programa de pesquisa é que as generalizações unidirecionais, implicacionais formuladas pelos tipologistas refletem as restrições nas línguas humanas e que é razoável levantar a hipótese de que as mesmas generalizações restringem os tipos de gramáticas das interlínguas que os aprendizes de uma L2 podem adquirir.[10]

Vários são os fatores utilizados para determinar se uma língua é semelhante ou diferente da outra tipologicamente. Um deles é a família linguística a qual um idioma pertence, que pode ser ou não considerada para estabelecer critérios de proximidade ou distinção tipológica. Não é difícil encontrar línguas tipologicamente próximas no que diz respeito a determinado padrão linguístico, mas advindas de famílias distantes. Com isso, podemos dizer que semelhança tipológica refere-se a duas ou mais línguas de acordo com um parâmetro pré-estabelecido pelo pesquisador. No nosso caso, como tratamos de fonologia, esse módulo da gramática será nosso ponto de partida para identificar semelhanças e/ou diferenças tipológicas entre duas ou mais línguas. Para tanto, é necessário um recorte ainda mais restritivo, isto é, a seleção de um fonema, grupos sonoros ou características fonotáticas das línguas a serem analisadas.

Por se originarem teoricamente de uma língua primeira comum, línguas de mesma família tendem a ser mais semelhantes tipologicamente em muitos aspectos e componentes da gramática.

---

10 "The central thesis of this research programme is that the unidirectional, implicational generalizations formulated by typologists reflect constraints on human languages, and that it is reasonable to hypothesize that these same generalizations constrain the kinds of interlanguage grammars that L2 learners can acquire." (tradução nossa).

Volume 13, número 3 de dezembro de 2017
Fonologia e Morfologia de Empréstimos e Aquisição Fonológica de L2/L3
Loanword Phonology and Morphology and Phonological Acquisition of L2/L3

Revista Lingüística **33**

Na tabela abaixo, vemos como se comporta o *onset* complexo do tipo [SC][11] em quatro línguas indo-europeias: português, espanhol, inglês e alemão.

[S] +	Português	Espanhol	Inglês	Alemão
Oclusiva	–	–	+	+
Fricativa	–	–	+	+
Nasal	–	–	+	+
Lateral	–	–	+	+
Rótico	–	–	+	+

Percebe-se, com relação a esse grupo fonológico, o quão semelhantes são as duas línguas neolatinas (português e espanhol) e as duas línguas germânicas (inglês e alemão) entre si.

Além de abordagens que deem conta de características intrínsecas das línguas, durante os estudos em aquisição de línguas estrangeiras, julgamos ser necessário investigar e levar em conta a postura do falante em relação ao idioma que se está aprendendo. Por isso a importância da psicotipologia linguística, termo apresentado por Kellerman (1978), definido como "a consciência das relações tipológicas entre línguas distintas."[12] Jarvis & Pavlenko (2008, 174) defendem que a transferência linguística esteja mais propensa a acontecer quando o falante enxerga as línguas envolvidas no processo de aquisição como línguas semelhantes. Em contrapartida, as estruturas analisadas como específicas da língua estrangeira e, por isso, marcadas com relação à língua materna teriam menos chance de ocorrer.

Embora muito frequente, nem sempre a proximidade percebida pelos aprendizes será corroborada pelo sistema da língua. No entanto, mesmo não sendo um princípio linguístico, a psicotipologia como abordagem pode se mostrar reveladora dos fenômenos que ocorrem na língua do aprendiz, pois assim como a semelhança entre dois ou mais idiomas pode exercer tanto papel positivo quanto negativo, conforme apontado anteriormente, a sensação de que duas ou mais línguas sejam semelhantes ou não também pode interferir positivamente ou negativamente no processo de aprendizagem de uma língua estrangeira.

Falk & Bardel (2010, 193) também consideram as relações tipológicas um dos fatores que

---

11   Em [SC], [S] representa as fricativas coronais [s,ʃ].

12   " (...) awareness of the typological relations between distinct languages". In: HAGHVERDI; TABRIZI, 2012, 44.

Volume 13, número 3 de dezembro de 2017
Fonologia e Morfologia de Empréstimos e Aquisição Fonológica de L2/L3
Loanword Phonology and Morphology and Phonological Acquisition of L2/L3

Revista Linguística **34**

podem contribuir na ocorrência de padrões provenientes de línguas anteriores durante a aquisição de uma nova língua. Os autores propõem três noções que possam estar inseridas no termo tipologia como conceito guarda-chuva. São elas: (i) proximidade linguística baseada na relação genética, (ii) a tipologia propriamente dita tal qual definida por Croft (1990), que seria a presença de estruturas semelhantes entre as línguas e (iii) a psicotipologia proposta por Kellerman (1983) e apontada anteriormente.

Considerar os universais tipológicos e as abordagens tipológicas como uma possibilidade de esclarecer a aquisição fonológica de L3 entra em consonância com a tese de que não se pode ou deve tratar o aprendizado de uma terceira língua como um processo que apenas sucede o aprendizado de uma segunda língua. Não se trata apenas de processos em sequência. Os estudos tipológicos baseiam-se, sobretudo, na comparação translinguística. Por conseguinte, quanto mais línguas estiverem envolvidas no processo, mais numerosos serão os elementos passíveis de comparação, isto é, tanto a L1 quanto a L2 podem ser fontes de transferência progressiva para a L3, ao mesmo tempo em que, no caso de transferência regressiva, a L3 e a L2 exerceriam esse papel em direção à língua anterior (L2 e L1, respectivamente).

Através da análise da aquisição de *clusters* na produção oral de aprendizes de L3 envolvendo as quatro línguas acima, por exemplo, poderíamos verificar não apenas a importância da tipologia linguística nas fases iniciais de aprendizagem, mas também confirmar (ou não) a Hipótese da Permeabilidade Fonológica. Para tanto, podemos supor a divisão dos sujeitos em dois grupos: (i) grupo A – falantes do português brasileiro como língua materna (variedade carioca), cuja primeira língua estrangeira adquirida tenha sido o inglês, estudantes de alemão como L3, ainda em estágio inicial de aprendizagem – e (ii) grupo B – falantes de português brasileiro como língua materna (variedade carioca) cuja primeira língua estrangeira adquirida tenha sido o inglês, estudantes de espanhol como L3, ainda em estágio inicial de aprendizagem.

No que tange à tipologia linguística, sobretudo à psicotipologia, é de se esperar que os sujeitos reunidos no grupo B assumam que a L3, espanhol, seja uma língua mais próxima de sua língua materna, o português brasileiro. No grupo A, em contrapartida, pressupõe-se que os participantes assumam que as semelhanças tipológicas entre L2 e L3, inglês e alemão, respectivamente, sejam mais numerosas.

Volume 13, número 3 de dezembro de 2017
Fonologia e Morfologia de Empréstimos e Aquisição Fonológica de L2/L3
Loanword Phonology and Morphology and Phonological Acquisition of L2/L3

Revista Lingüística **35**

	L1	L2	L3
Grupo A	Português	Inglês	Alemão
Grupo B	Português	Inglês	Espanhol

*As setas representam maior tendência para a transferência, não excluindo a possibilidade de que ocorra o mesmo fenômeno em outras direções.

**A indicação de transferência regressiva do Espanhol (L3) para o Português (L1) é apenas prototípica neste caso.

Para que a HPF seja confirmada, é necessário que haja transferência da L3 para a L2, independente de quais sejam as línguas envolvidas. Isso significa que tal hipótese só poderá ser confirmada se houver transferência regressiva de L3 para L2 nos mesmos níveis considerando-se os dois grupos observados, ou seja, ainda que a L3 seja o espanhol, a transferência para a L2 (inglês) teria que ocorrer nos mesmos patamares que a L3 sendo o alemão, apesar das relações tipológicas percebidas ou não pelos participantes.

	L1	L2	L3
Grupo A	Português	Inglês	Alemão
Grupo B	Português	Inglês	Espanhol

*As setas representam maior tendência para a transferência, não excluindo a possibilidade de que ocorra o mesmo fenômeno em outras direções.

Considerações Finais

Nosso principal objetivo foi apresentar algumas teorias, hipóteses e abordagens que possam contribuir com o estudo científico da língua do aprendiz adulto de uma terceira língua, sobretudo, em fases iniciais de aquisição fonológica, além de indicar como padrões silábicos distintos podem nos ajudar a lançar luz sobre essas hipóteses. Partimos da suposição de que a GU já não esteja disponível durante a aprendizagem de língua após o período crítico. Com isso, assumimos que o sistema da língua materna e os sistemas das outras línguas estrangeiras que venham a ser adquiridas sejam independentes. Por isso, nos apropriamos da Hipótese da Permeabilidade Fonológica de Amaro & Rothman, cuja proposta é de que as representações mentais de línguas adquiridas durante e após o período crítico sejam diferentes – proposta e hipóteses corroboradas pelos resultados das investigações realizadas pelos próprios autores.

Ademais, visto que temos quatro sistemas linguísticos envolvidos no processo de aquisição,

Volume 13, número 3 de dezembro de 2017
Fonologia e Morfologia de Empréstimos e Aquisição Fonológica de L2/L3
Loanword Phonology and Morphology and Phonological Acquisition of L2/L3

Revista Linguíſtica 36

seria interessante observar se as relações tipológicas entre as línguas desempenhariam algum papel relevante. Essas relações poderiam ser observadas apoiando-se em três padrões diferentes: (i) entre a língua materna e as línguas estrangeiras (L1 x L2/L3); (ii) entre as duas línguas anteriores e a língua alvo (L1/L2 x L3) ou (iii) somente entre as línguas estrangeiras (L2 x L3). Com isso, além de investigar os efeitos do estágio inicial de aquisição fonológica de uma terceira língua no sistema fonológico da língua anterior (ou das línguas anteriores) através da transferência regressiva, seria interessante observar até que ponto a proximidade linguística (ou aquela percebida pelo aprendiz, no caso da psicotipologia) de um determinado padrão possa influenciar ou, até mesmo, provocar a transferência. Por isso, para dar conta das especificidades da aquisição fonológica de uma L3 é importante levar em consideração um estudo tipológico, cujos resultados devem ser controlados por se tratar de uma variável que poderá ou não exercer algum impacto na compreensão do fenômeno.

Partindo desse pressuposto, atendo-se aos sistemas linguísticos das quatro línguas envolvidas nesse projeto, ao dividirmos os participantes em grupos distintos, estamos assumindo que as semelhanças percebidas ou não pelos sujeitos possam indicar e explicar a direção nos padrões de transferência. Assim, podemos supor que os participantes do Grupo A produzam mais [ʃC] em clusters [SC] durante a produção em inglês (L2), seguindo, assim, o padrão silábico da L3 (alemão). Assim, *clusters* [sp, st, sk, sf, sm, sn, sw] do inglês seriam produzidos como [ʃp, ʃt, ʃk, ʃf, ʃm, ʃn, ʃw]. Concernente ao Grupo B, não esperamos que a transferência regressiva afete a produção da L2 tanto quanto no Grupo A devido às diferenças tipológicas entre a L2 (inglês) e a L3 (espanhol). Entretanto, não descartamos a hipótese de que haja ocorrências discretas de inserção da vogal [e], típica do espanhol, diante do grupo [sC] do inglês – [esp, est, esk, esf, esm, esn, esw]. Por isso, consideramos o Grupo B também nosso grupo controle, pois os resultados encontrados a partir da análise da produção deste grupo podem mostrar se a HPF está atrelada ou não às relações (psico)tipológicas entre as línguas.

Por fim, vale ressaltar que, apesar de considerarmos a possibilidade de transferência fonológica de L3 e/ou L2 para a L1 e apropriando-se e adaptando a teoria da HPF de Amaro & Rothman (op. cit.), não nos comprometemos a tratar do assunto neste artigo por acreditar que o sistema da L1 seja independente do sistema da(s) língua(s) aprendida(s) após o período crítico e, por conseguinte, mais resistente fonologicamente. A quem interessar possa, sugerimos um estudo dedicado exclusivamente a este assunto.

Volume 13, número 3 de dezembro de 2017
Fonologia e Morfologia de Empréstimos e Aquisição Fonológica de L2/L3
Loanword Phonology and Morphology and Phonological Acquisition of L2/L3

Revista Linguística **37**

REFERÊNCIAS

AMARO, Jennifer Cabrelli. (2012). L3 phonology: an understudied domain. In: _____; FLYNN, Suzanne; ROTHMAN, Jason (Ed.). *Third language acquisition in adulthood*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, p. 33-60.

_____. (2013b). Methodological issues in L3 phonological acquisition research. *Studies in Hispanic and Lusophone Linguistics*, 6(1), 101–117.

_____; ROTHMAN, Jason. (2010) On L3 acquisition and phonological permeability: A new test case for debates on the mental representation of non-native phonological systems. *IRAL, International Review of Applied Linguistics in Language Teaching 48*(2-3): p. 275-296.

CHOMSKY, Noam. (1965). *Aspects of the theory of syntax*. Cambridge, MA: MIT Press.

_____. (1986). *Knowledge of language. Its nature, origin, and use*. First publishing, Series Convergence (Praeger Publishers).

CROFT, William. (2003). Typology and universals. 2nd edition. Cambridge: Cambridge University Press.

DAMULAKIS, Gean Nunes. (2008). Dicas de pronúncia do Alemão: fonética e fonologia. Projekt: Revista brasileira dos professores de alemão, Rio de Janeiro, n. 46, p. 61-65. Disponível em:<http://www.abrapa.org.br/pdf/Projekt2008.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2016.

DE ANGELIS, Gessica. (2007). Third or additional language acquisition. Clevedon, Bufallo,

Toronto: Multilingual matters LTD.

ECKMAN, Fred R. (2011). Linguistic typology and second language acquisition. In: SONG, Jae Jung (ed.). The Oxford Handbook of Linguistic Typology. Oxford: OUP, pp. 618-633.

ELLIS, Rod. (1986). Understanding Second Language Acquisition. 2nd ed. Oxford: Oxford University Press.

Volume 13, número 3 de dezembro de 2017
Fonologia e Morfologia de Empréstimos e Aquisição Fonológica de L2/L3
Loanword Phonology and Morphology and Phonological Acquisition of L2/L3

Revista Linguística **38**

_____. (2003). Task-based Language Learning and Teaching. Oxford: Oxford University Press.

FALK, Ylva; BARDEL, Camilla. (2010). The study of the role of the background languages in third language acquisition: The state of the art. *International Review of Applied Linguistics in Language Teaching (IRAL)* 48: 185-219.

GASS, Susan M.; SELINKER, Larry. (2008). *Second language acquisition: an introductory course*. 3rd ed. New York and London: Routledge.

HAGHVERDI, Hamid Reza; TABRIZI, Hossein Heidari. (2012). The effectiveness of psychotypology-reduced L2 teaching on three linguistically different groups Of Iranian undergraduate EFL learners' reading comprehension skill. *World Journal of English Language*, 2(1).

JARVIS, Scott; PAVLENKO, Aneta. (2008). *Crosslinguistic influence in language and cognition*. Routledge: New York & London.

LENNEBERG, Eric. (1967). *Biological Foundations of Language*. Wiley: New York.

LETICA, Stela; MARDESIC, Sandra. (2007). Cross-linguistic transfer in L2 and L3 production. In: HORVÁTH, Josef; NIKOLOV, Marianne (ed.). *UPRT 2007: Empirical studies in English Applied Linguistics*. Pecs: Lingua Franca Csoport, p. 306-318.

MAJOR, Roy C. (2008). Transfer in second language phonology: a review. In: HANSEN, Jette G. Edwards; ZAMPINI, Mary L. (ed.). *Phonology and second language acquisition*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, p. 63-94.

MOSKOVSKY, Christo. (2001). The critical period hypothesis revisited. In: ALLEN, Cynthia (Ed.) *Proceedings of the 2001 Conference of the Australian Linguistic Society*. Disponível em: <http://www.als.asn.au>. Acesso em 17 set 2016.

ODLIN, Terence. (2007). Cross-Linguistic influence. In: DOUGHTY, Catherine J.; LONG, Michael H. (Ed.). *The handbook of second language acquisition*. West Sussex, UK: Wiley-Blackwell, v. 2. p. 436-486.

Volume 13, número 3 de dezembro de 2017
Fonologia e Morfologia de Empréstimos e Aquisição Fonológica de L2/L3
Loanword Phonology and Morphology and Phonological Acquisition of L2/L3

Revista Linguíítica **39**

_____. (1989). *Language Transfer:* Cross-Linguistic Influence in Language Learning. Cambridge: Cambridge University Press.

SELINKER, Larry. (1972). Interlanguage. *IRAL* v. 10, p. 209–231.

TAVAKOLI, Hossein. (2012). *A dictionary of language acquisition: a comprehensive overview of key terms in first and second language acquisition*. Tehran: Rahnama Press.

WHITE, Lydia. (2007). On the nature of interlanguage representation: universal grammar in the second language. In: DOUGHTY, Catherine J.; LONG, Michael H. (Ed.) *Second language acquisition*. Oxford: Blackwell Publishing, p. 19-42.

_____. (2003). *Second language acquistion and universal grammar*. New York: Cambridge University Press.

Volume 13, número 3 de dezembro de 2017
Fonologia e Morfologia de Empréstimos e Aquisição Fonológica de L2/L3
Loanword Phonology and Morphology and Phonological Acquisition of L2/L3

Revista Linguística **40**

TUPI-GUARANI LOANWORDS IN SOUTHERN ARAWAK: TAKING CONTACT ETYMOLOGIES SERIOUSLY

Fernando O. de Carvalho[1]

.

'All the caveats are raised on the determination
of inherited cognates while loanwords seem
to be considered self-explanatory, but in fact the danger of casual
resemblance is as great in borrowings as it is in cognates'
Jorge Suárez (1985: 575)

ABSTRACT

This paper seeks to rigorously evaluate a set of claims that lexical items in Southern Arawak languages are loanwords from Tupi-Guarani languages. I show that, in most cases, these hypotheses can be rejected because the Arawak forms in question either have clear internal etymologies or because the noted similarities are too superficial and no coherent or plausible picture for the phonological deviation between the putative loans and their presumed source forms can be offered. In advancing internal etymologies for the target Arawak forms I will also try to cast light on aspects of the historical developments of these languages, as well as raise some so far unacknowledged issues for future research. Next, I consider some plausible cases of Guarani loans in one Southern Arawak language, Terena, explicitly arguing for these contact etymologies and placing these loanwords within a chronological stratum in Terena history. Complications related to dissimilar sources in Arawak-Tupi-Guarani contact and to the status of *Wanderwörter* are also briefly addressed.

---

1   Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). E-mail: fernaoorphao@gmail.com

Volume 13, número 3 de dezembro de 2017
Fonologia e Morfologia de Empréstimos e Aquisição Fonológica de L2/L3
Loanword Phonology and Morphology and Phonological Acquisition of L2/L3

Revista Lingüística **41**

Introduction and background

The goal of this paper is to take a critical look at certain claims that specific lexical items in southern Arawak languages[2] have their origin in the borrowing of Proto-Tupi-Guarani (PTG) etyma, or of reflexes thereof in individual Tupi-Guarani (TG) languages. Careful attention to phonological and morphological issues - the regularity of sound change, attested word-formation and inflectional patterns, and so on - is what provides the foundation for any acceptable etymology, whether it traces the origins of certain forms to a different, possibly unrelated language (a contact etymology), or whether it traces the form in question to a previous stage of the same tradition (an internal etymology). Moreover, it is based on such formal criteria, and more generally, based on the absence of purely internal etymologies, that loanwords can be securely identified in the first place (see e.g. Jacques 2012; Kroonen 2012; Boček 2013: 15).

As with many other historical hypotheses, etymologies are often suggested by the detection of similarities. These 'first-pass' etymologies are not enough, however: etymologies can be *graded* for their quality and plausibility and, once proposed, can only be fully accepted if further investigation allows them to progress beyond the inspectional level of mere similarities in form and meaning (see e.g. Watkins 1990; Krisch 2010: 313-317; Mailhammer 2015: 429-432). Moreover, as discussed in section **2**, if borrowing is to be accepted as an explanation for attested similarities involving lexical material in different languages, careful rejection of alternative hypotheses is necessary. One must, for instance, exclude the possibility that these similarities are only fortuitous (chance similarities). It is important to properly address these claims, not only for their own sake, but because well-supported cases of lexical borrowing are often demanded as a preliminary motivation for further investigation on the possibility that phonological, morphological and syntactic patterns might have been shaped by language contact as well (see Thomason 2001: 91, 2010; Boček 2013: 14). Identified loanwords supported by strong contact etymologies also provide the foundation for inferences concerning the original contact situation that promoted or made possible such transfers of linguistic elements (see e.g. Jacques 2012; Mailhammer 2013; Epps 2015).

Section **3** and its sub-sections focus on a set of controversial claims on the TG origin of certain Arawak lexical items; I will show that these claims fail to meet one or more of the methodological

---

2   I use the label 'southern Arawak' here in the geographic sense of 'Arawak languages spoken to the south of the Amazon river'. See Danielsen (2011: 517-518).

Volume 13, número 3 de dezembro de 2017
Fonologia e Morfologia de Empréstimos e Aquisição Fonológica de L2/L3
Loanword Phonology and Morphology and Phonological Acquisition of L2/L3

Revista Linguística **42**

conditions discussed in section **2**, and that, therefore, these hypothesized instances of vocabulary transfer should be either rejected or seen with skepticism. Section **4** discusses some clearer instances of Guarani loans in one Southern Arawak language, Terena. In this case I illustrate how appeal to extra-linguistic aspects (the so-called 'external history' of languages) helps in the proposal of more compelling etymologies, notably in those cases where strictly linguistic considerations do not suffice to distinguish between competing accounts. In the domain of the language's internal history, I will show how recent research on the historical phonology of Terena allows one to place the entry of Guarani loans in this language within a specific chronological stratum (section **4.1**). I will also discuss one particular contact etymology, that of Terena *júki* 'salt' (**4.2**), that touches on some issues of critical importance to this research topic, such as the proper source forms in contact etymologies involving Arawak and TG languages and the status of *Wanderwörter*.[3] Finally, section **5** is dedicated to an overall conclusion of the paper.

1. Methodological preliminaries

Whenever the replication or transmission of lexical material between unrelated languages can be established beyond reasonable doubt, a historical scenario broadly consistent with the diagram below may be inferred (where *A and *X are the reconstructed ancestors of independent language families, A and X, respectively):[4]
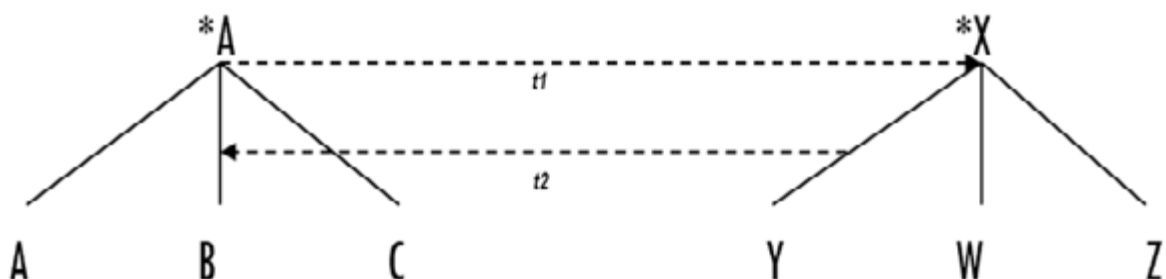

Figure 1. Depiction of the transfer of elements between languages of two different language families at two separate time points (*t1* and *t2*).

_____

3   I understand the concept of *Wanderwort* as denoting a word form that has been borrowed multiple times among languages occupying a significant geographical area. Determination of both the origin and directionality in the diffusion of *Wanderwörter* is often quite difficult (see Trask 2000: 366; Haynie *et al*. 2014).

4   The detection of loanwords transferred between related languages is a much more challenging task (see e.g. Greenberg 1957), since it is also necessary to exclude shared retention as a possible explanation for attested similarities. As this paper focuses on postulated contact between unrelated languages, I will limit the methodological discussion to such cases.

Volume 13, número 3 de dezembro de 2017
Fonologia e Morfologia de Empréstimos e Aquisição Fonológica de L2/L3
Loanword Phonology and Morphology and Phonological Acquisition of L2/L3

Revista Lingüística **43**

Here, the transmission of linguistic elements between languages of families A and X took place in both directions and at two separate and chronologically ordered times. By carefully charting the development of both language families involved, and by considering the distribution of the presumably borrowed items among the daughter languages of the receiving family, it becomes possible not only to identify instances of transmission but to place the borrowing event within a relative chronology of changes in the history of the recipient language (see section **4**).

As usual, there is a demand for meeting one's burden of proof (Campbell 2003: 35), showing that alternative explanations are unable to account for the same set of attested similarities (Greenberg 1957: 37; Harrison 2003). In the specific context of contact-based explanations for similarities involving lexical items, often incorrectly taken to involve a 'trivial' identification of loanwords (see the comments in Boček 2013 and the epigraph to this paper), the following conditions should, to the extent possible, be met by the proposed contact etymologies:

(1) *Conditions for proposed contact etymologies*:

(a) Absence of an internal etymology for the presumed loanword;

(b) Identification of a source language;

(c) Identification of a source form;

(d) As complete as possible an account of the form and meaning deviations between the source form and the presumed loanword;

(e) Identification of a contact situation.

The conditions proposed above are consistent both with the usual constraints on hypotheses that propose language contact as an explanation (Thomason 2001: 91-95; 2009) and with the tradition stemming from etymological investigations (see Durkin 2009, chapters 5 and 6; Mailhammer 2013 and Boček 2013 for discussion). Conditions (1a), absence of an internal etymology, and (1d), a credible and plausible account of divergences between source and target, are usually taken to be minimal preconditions.[5] In relation to (1d), however, note that contact etymologies often call for increased

_____

5   Though the availability of an established internal etymology for a given morpheme shows that it is part of a language's inherited vocabulary, contact may have played its part in changing its

Volume 13, número 3 de dezembro de 2017
Fonologia e Morfologia de Empréstimos e Aquisição Fonológica de L2/L3
Loanword Phonology and Morphology and Phonological Acquisition of L2/L3

Revista Linguí∫tica **44**

tolerance of sporadic and irregular changes than is the case with purely internal etymologies (see Mailhammer 2013: 10, 2015: 434). Conditions related to the identification of a contact situation (1e) and of a source (or donor) language (1b) may seem self-evident but are often ignored in many notorious 'substrate theories' still popular in some quarters (see Thomason 2010: 32-33; Mailhammer 2013 and Mees 2003). To the extent that one or more of these *desiderata* are not met by the proposed contact-based diachronic account, varying degrees of doubt - from mild skepticism to outright rejection - are commendable regarding such claims. Given the focus of the present contribution on phonology and morphology, it is mostly about factors (1a), (1c) and (1d) above that we will be concerned. The most frequent problem with the contact etymologies examined in the next section is the existence of a competing, purely internal etymology that offers a better explanation for the derivation of the form attested in the Arawak language or languages, thus eliminating the possibility that diffusion from another language, at least at the relevant chronology, provides the correct account of its origin. Lack of clarity in the postulation of a specific source form (condition (1c)) and the absence of any plausible account for the formal mismatch between the source and the adapted forms (condition (1d)) are also frequent problems.

2. Southern Arawak and Tupi-Guarani in Contact

Apart from some observed lexical similarities and suggested structural convergence involving Arawak, Tupi-Guarani and Carib languages in the multilingual Upper Xingu (Seki 1999, 2011), and descriptions of the impact of Nheengatu (Amazonian Lingua Geral) on northern Arawak languages (e.g. Ramirez 2001: 32-34; Cruz 2011), few works have been dedicated specifically to the study of contact involving Arawak and Tupi-Guarani languages.

A recent exception has dealt with the history of Kokama and Omagua, two closely related Tupi-Guarani languages. Careful investigations of these languages led to a revision of the hypothesis that certain grammatical morphemes attested in these languages, notably the Hypothetical marker *=*mia* of Proto-Omagua-Kokama (POK), have been borrowed from some Arawak language (see O'Hagan 2011: 101; Michael & O'Hagan 2016: 19).[6] In this case, consideration of the known impact Arawak

---

semantic and even formal properties. The phenomena of calquing and metatypy, in particular for polymorphemic words, are well-known instances in which both inheritance and contact may combine (see Ross 2007; Boček 2013).

6   The clitic =mia appears in verbs of counterfactual sentences in both Omagua (including Old Omagua) and Kokama. In the latter language, however, it has a wider distribution, being glossed more precisely as a marker of hypothetical modality (see O'Hagan 2011: 100).

Volume 13, número 3 de dezembro de 2017
Fonologia e Morfologia de Empréstimos e Aquisição Fonológica de L2/L3
Loanword Phonology and Morphology and Phonological Acquisition of L2/L3

Revista Linguística **45**

languages had in these Tupi-Guarani languages (which seems restricted to a few open class items) and the existence of a purely internal etymology, have made a convincing case for rejecting the hypothesis that POK *=*mia* is of Arawak origin.

In this section, the core of the paper, I deal with lexical similarities involving one or more Southern Arawak languages and one or more Tupi-Guarani (TG) languages, often Proto-Tupi-Guarani (PTG). These similarities have been interpreted by some researchers, notably Jolkesky & Baniwa (2012) and Jolkesky (2016), as reason to suspect that the forms attested in these Arawak languages are in fact loans from TG languages. The stronger formulation including a statement of directionality (*from* Tupi-Guarani languages *to* Arawak languages), is explicitly presented in the former source; Jolkesky (2016) is more guarded and non-committal, simply presenting Arawak and TG forms side-by-side and noting that these constitute 'lexical parallels'.[7] I will examine a sample of these claims below, focusing on the stronger (and, hence, more interesting) formulation that includes a TG > Arawak directionality claim, and conclude that these contact etymologies should be either rejected or, at best, that they should be seen with strong skepticism.

Before proceeding, a note on data presentation: Terena forms not followed by reference to a specific source come from my own fieldwork notes. Unless noted otherwise, standard IPA symbols will be used throughout and phonological, instead of phonetic representations will be presented. The circumflex and acute marks in Terena forms represent word-level accent, in each case with distinct phonetic properties whose characteristics are not relevant for the present discussion (the interested reader should consult Ekdahl & Butler 1979; Carvalho 2017c and references therein).

2.1. Terena *étakati* 'bamboo'

The suggestion that this could be a TG loanword appears in Jolkesky (2016: 391), where the form *e-takati* 'bamboo' from Terena and Kinikinau is presented alongside PTG *tak^{w}ar* 'bamboo'.[8]

7   Jolkesky (2016) provides an extensive catalogue of observed lexical similarities between languages of different indigenous language groups of South America, not only Arawak and Tupi-Guarani. It constitutes an important contribution that offers not only a bulk of data, but many initial (and often enticing) hypotheses that should be further tested and evaluated, as I hope to do in the present contribution.

8   Though the Terena and the Kinikinau peoples recognize each other as distinct ethnic groups, examination of existing data on both speech varieties suffices to show that the two are at best co-dialects of the same language. The same applies to other labels such as 'Guaná' and 'Chané' that are often employed in referring to separate Southern Arawak languages (see Carvalho 2016).

Volume 13, número 3 de dezembro de 2017
Fonologia e Morfologia de Empréstimos e Aquisição Fonológica de L2/L3
Loanword Phonology and Morphology and Phonological Acquisition of L2/L3

Revista Linguística **46**

The most obvious formal limitation of the proposed equation is the disparity between the presumed source and the target form, which cannot be explained on general grounds. Another formal problem with the equation is the fact that presumed loanword *étakati* 'bamboo' is arbitrarily segmented as *e-takati*, yet no motivation exists for this.

Though the identification of this form as a loanword is correct, an improved contact etymology can be offered, one that accounts in a principled manner for the word-initial *e* and leaves no residue unaccounted for. As explained in Carvalho (forthcoming), *étakati* 'bamboo' is in fact a loan from a Northern Guaicuruan language, plausible source forms being Kadiwéu *etaGadi* 'taquara' (Griffiths 2002: 49) and Mbayá *<etagadi>*, both of which are reflexes of Proto-Guaicuruan **tʔaqatʔe* (Viegas Barros 2013: 233). The derivation of vowel-initial forms in Kadiwéu and Mbayá is a typical development of the northern branch of the Guaicuruan family (Viegas Barros 2013: 92-93).[9] Assuming *etaGadi* or *<etagadi>* 'bamboo' as a source form for *étakati* leaves no formal residue unexplained: Terena lacks contrastive voicing and has no uvular consonants, hence the adaptations $d > t$, $G > k$ from the Guaicuruan source (see Carvalho, forthcoming, for more details).

2.2. Terena *ówoku* 'house'

Terena *ówoku* 'house' is matched to PTG **ok-a* by Jolkesky (2016: 390). Though the semantic side of the equation is unproblematic, it is not clear why is it that the adaptation of a source form such as **ok-a* would have resulted in *ówoku*. In fact, *ówoku* has a straightforward, if not ordinary, internal etymology.

Synchronically, *ówoku* is transparently analyzable as *-owo-* 'to be, dwell, stay' and *-ku* 'Locative nominalizer' (Ekdahl & Butler 1979: 129-130). Both are *bona fide* members of the Terena inherited stock of morphemes, as shown by cognates such as Proto-Mojeño **-owo-* 'to be, stay' (Carvalho & Rose, forthcoming; see also Mojeño Ignaciano *awa-sa* 'village', Ott & Ott 1983: 84) and Paunaka *-kɨ* in *ope-kɨ-jae* 'below' (Danielsen & Terhart 2014: 236), parallel to Terena *ope-ku-ke* 'below' (literally "in the bone"). There is, therefore, no reason to suspect that Terena *ówoku* is part of the loan stratum of the language's vocabulary.

---

9   The name *terena* was itself adapted by the Mbayá/Kadiwéu as *etelena*, with prothesis, as noted by early 18th century eyewitnesses, such as Sanchez Labrador (see Cardoso de Oliveira 1976: 28). Note also that Portuguese loans indirectly transmitted to Terena via Mbayá/Kadiwéu also show themselves by the presence of otherwise unexplainable anlaut vowels (e.g. *étaruma* 'Tarumã fruit'; cf. Kadiwéu etaloma, Griffiths 2002: 49).

Volume 13, número 3 de dezembro de 2017
Fonologia e Morfologia de Empréstimos e Aquisição Fonológica de L2/L3
Loanword Phonology and Morphology and Phonological Acquisition of L2/L3

Revista Linguística **47**

2.3. Paresi *hati* 'house'

Jolkesky & Baniwa (2012) and later Jolkesky (2016: 391) advance the hypothesis that this form as well is a loan from a TG language. The PTG form **ts-aiti* 'nest' is presented as a presumed source and Chiriguano *h-aiti* is also given, perhaps for providing a more significant match involving the word-initial glottal fricative.[10]

Paresi *hati* is in fact the Absolute, that is, non-possessed stem for 'house'. In common with many other Arawak languages, Paresi has a suppletively related stem, *-hana*, used whenever possession is expressed for the noun 'house' (Rowan 2008: 89; Brandão 2014: 166-167), thus: *hati* 'house', but *e=hana* "his house", with the person-marking proclitic *e=*. Though the relation between the two stems for 'house' is often treated as suppletive, or irregular in Arawak languages (see e.g. Aikhenvald 2003: 133 on Tariana), it is clearly the case that a reflex of the ubiquitous Proto-Arawak Absolute suffix, **-tsi* (Payne 1987) or **-ʧi* (Payne 1991), occurs crystalized in the Absolute stem. Paresi *hati* 'house' (Absolute) is therefore analyzable as **ha-ti*, *-ti* being the Absolute suffix in the language (see Brandão 2014: 167, who notes this explicitly). In fact, Paresi *-hati/hana* is comparable to Terena *-peti/ peno* with the same meanings, keeping in mind the fact that **p > h* was a regular change in Paresi (see e.g. Carvalho 2016b: 303). In sum then, Paresi *-hati* has a clear internal etymology, one that calls for the establishment of a morphologically complex etymon **ha-ti*, bearing very little formal similarity to the postulated source in a Tupi-Guarani form approximating PTG **ts-aiti* or derived from it.

2.4. Terena *-îma* 'husband'

This noun and its cognate forms in Mojeño (Proto-Mojeño **-ima;* Carvalho & Rose, forthcoming) are also claimed to be TG loans (Jolkesky & Baniwa 2012), the PTG form **i-men* 'her husband' is given as the source form (see also Jolkesky 2016: 391).

Granting some initial plausibility to this hypothesis, it is far from clear that PTG **i-men* 'husband' (see Mello 2000: 178) constitutes an adequate source form. In argument function, **i-men* 'husband' would appear instead as **i-men-a*, with the 'Argumentative case marker' **-a* (Cabral 2001).

---

10   Enawene-Nawê is also brought into the proposed equation by Jolkesky (2016) but since the language is sparsely documented I will refrain from commenting on it. This language is, however, very closely related to Paresi, to the point that these could be even considered co-dialects of the same language, thus making it very likely that the comments offered here on Paresi apply to Enawene-Nawê as well.

Volume 13, número 3 de dezembro de 2017
Fonologia e Morfologia de Empréstimos e Aquisição Fonológica de L2/L3
Loanword Phonology and Morphology and Phonological Acquisition of L2/L3

Revista Linguística **48**

This is the form attested for Old Guarani, *<mêna>* (Montoya 1639: 220v, 221)[11] and in modern Paraguayan Guarani *ména* 'husband', *iména* 'her husband' (Guasch 1956: 41). Though *<mê>* (phonetically, [mẽ], see Grannier Rodrigues 1990: 22-23) is also attested in Old Guarani for the meaning 'husband', Montoya (1639: 217v) states explicitly that the main use of *<mê>* is as nominal modifier and its basic meaning is 'male' or 'strong, brave' (see e.g. *<uruguaçu>* 'chicken, hen', but *<uruguaçumê>* 'cock'; Montoya 1639: 217v). There is, therefore, an element of uncertainty in the determination of the most plausible source form and this factor no doubt weakens the contact explanation and hampers a thorough evaluation of this hypothesis.

Setting this issue aside, however, the main challenge to this suggested contact etymology is the existence of a purely internal etymology for Terena *-îma* and Proto-Mojeño *-ima*. For the Campa branch (see e.g. Heitzman 1973: 45), a root *-hime* 'husband' can likely be reconstructed (see also Matteson 1972: 214). The root-initial glottal fricative is unstable, having been lost in most daughter languages and being morphophonologically deleted even in those that retain it (see Lawrence 2014: 263-265 on the reflexes of Proto-Campa *-ahi* 'first person inclusive' and *-hig* 'plural'). Proto-Campa *(h)ime* matches Terena *-îma* and Proto-Mojeño *-ima*. Likely cognates are also found in the Xinguan branch, where Waurá *-umeʐɨ* 'husband' (Postigo 2014: 238; where *-ʐɨ* is a Masculine suffix comparable to Mehinaku *-şi* Corbera Mori 2007: 250). Summing up, both a lack of specificity in the postulation of a putative source form, the opaque nature of the phonological adaptation processes required, and the existence of an internal etymology make it very unlikely that Terena *-îma* and Proto-Mojeño *-ima*, both meaning 'husband', are loanwords originating in Tupi-Guarani languages.

2.5. Terena *máreso* 'rope'

Jolkesky & Baniwa (2012) propose that Terena/Kinikinau *máreso* 'rope' is a loan from a TG language. PTG *amɨniju* (from Mello 2000) and Old Guarani *amaneʤu* are presented as candidate source forms. Jolkesky (2016: 390) gives a more detailed picture of both the semantic and formal aspects of the equation, noting that the PTG *amɨniju* means 'cotton' and adds the Asurini do Tocantins form *amɨniso*. The latter, despite the greater similarity to the Terena form, can be ruled out as a

---

11   Old Guarani forms will be given throughout the paper in the original writing, in angled brackets according to standard conventions (see e.g. Trask 2000: 22). Note also the standard convention employed when citing forms from Montoya's Tesoro: using 'v' after a page number when the form in question appears on the back of the page indicated by the given number (e.g. 115v, back of page 115). On the value of the graphemes employed by Montoya, the reader is referred to Grannier Rodrigues (1990).

Volume 13, número 3 de dezembro de 2017
Fonologia e Morfologia de Empréstimos e Aquisição Fonológica de L2/L3
Loanword Phonology and Morphology and Phonological Acquisition of L2/L3

Revista Linguí**ſ**tica **49**

candidate source for *máreso* 'rope' on geographic grounds alone.

Though *máreso* 'rope' is synchronically a root in Terena, postulation of Pre-Terena **mare-so* is made possible by the existence of *wôso* 'line, thread' and the bound classifier *-so* for 'thread-like' objects (Ekdahl & Butler 1979: 185). The remaining formative, *-mare-* is isolated, however, unless it could be related to the verb *maré-ko* 'to pull out', something that is far from clear now. Be as that may, *-mare-* is formally anomalous: as shown in **4** below, Terena was subject to a change **r > ∅* except where followed by **i*, therefore suggesting that **-mare-* is indeed a loan morpheme. The best hypothesis so far is that this is a loan from the related Campa languages, as seen in forms such as Asháninka *mare-ntsi* 'arm/wrist band' (Kindberg 1980: 59) and Nomatsigenga *i-mare* 'his arm/ wrist band', *mari-tsi* (Shaver 1996: 111, 145). Terena *-so* 'rope, rope-like object' is a cognate of the classifier *-tsa* with the same broad meaning attested in the Campa languages (see Mihas 2015: 414 on the Alto Perené variety of Ashéninka and Michael 2006: 25 on Nanti) and elsewhere in the family as well (Matteson 1972: 163-164). Finally, note that accounting for the root of Terena *máre-so* as loan from the Campa languages has no formal problems, as the presumed source form is identical, while relating *máre-so* to Old Guarani *amaneʤu* or any other of the TG forms cited requires a loan adaptation of the nasal *n* as *r*, an odd mapping, since *n* and *r* are clearly distinguished in Terena and nasal stops are preserved as such in uncontroversial Guarani loans (see section **4** below).

2.6. Terena *háʔi* and Mojeño Ignaciano *taʔi* 'fruit'

Jolkesky (2016: 390) presents a 'lexical parallel' between, on the one hand, Terena *-háʔi* 'fruit' and Mojeño Ignaciano *taʔi* 'fruit' and, on the other hand, some Tupi-Guarani forms bearing semantic and formal similarities to them: PTG **ts-aʔĩj*, with the root of 'seed' and a relational prefix, referenced to Rodrigues (while Mello (2002: 158) gives **aʔĩj* instead). Guarani *t-aʔĩj* and Chiriguano *h-ãɨ* are also noted.

The semantic match of 'fruit' and 'seed' is unproblematic, being supported, for instance, by the frequent existence of cross-linguistic polysemy involving these meanings (see List *et al*. 2014).[12] Formally, however, the equation lacks clarity, as it is not obvious which segments are being compared.

---

12   Access to the CLICS database of synchronic colexifications (a concept that include both polysemy and semantic vagueness in lexical meanings) yielded 12 instances of different languages where 'seed' and 'fruit' are expressed by the same lexical item. Of these, 10 are indigenous South American languages and two are Austronesian languages (Hawaiian and Malagasy). See http://clics. lingpy.org/main.php.

Volume 13, número 3 de dezembro de 2017
Fonologia e Morfologia de Empréstimos e Aquisição Fonológica de L2/L3
Loanword Phonology and Morphology and Phonological Acquisition of L2/L3

Revista Linguíſtica **50**

Overall, a structure of the form $C_1a?V_2$, where C_1 is either a coronal or glottal consonant and V_2 stands for an unrounded high vowel seems to be involved. Once a more precise match is sought, however, insurmountable problems appear for the proposed contact etymology.

Though Jolkesky (2016: 390) parses the Ignaciano and Terena forms as *ta-ʔi* and *ha-ʔi*, respectively, apparently for yielding more convenient *comparanda*, these forms are not strictly comparable, despite the closeness between these two languages, as the implied morphological analysis can be shown to be incorrect. Starting with Terena *-háʔi* 'fruit of' (cf. *-kaháʔi* 'to bear fruit', with the Verbalizer/Causative *ko-* ~ *ka-*), note that although Terena *h* is frequently the reflex of oral fricatives *s* or *ʃ* (see section **4** below), documentary evidence preceding the change in question shows that the glottal fricative in *-háʔi* fruit is etymological (see Schmidt 1903: 574 <*hairetikoti*> 'Frucht', probably *háʔi ra tikóti* 'fruit of the tree'). Ongoing collaborative work by the author of the present paper and Françoise Rose on the historical linguistics of Terena and Mojeño suggests, however, that the correspondence between Mojeño *t* and Terena *h* implied by the match *taʔi* : *háʔi* is spurious and isolated, thus underscoring the fact that these forms are not comparable. As I show now, the morphology of the Mojeño form both vindicates this conclusion and hampers the acceptance of the contact etymology tracing this form to a TG source.

The Ignaciano form *taʔi* (Ott & Ott 1983: 333) is indeed complex, yet *ta-a-ʔi* is the correct structure, not *ta-ʔi* as given in Jolkesky (2016: 390). Mojeño *-ʔi* is a form-based classifier for objects having a broadly round shape (Olza Zubiri *et al*. 2002: 231-234). The prefix *ta-* is a third person non-human marker that occurs in Mojeño only, not in its closest relatives, as part of a complex pronominal system for the reference of third person (non-participants of the speech act) that may have evolved through contact with non-Arawak languages (see Rose 2015 for discussion). Given the innovative and non-inherited character of this marker, it is not surprising that Mojeño Ignaciano *taʔi*, best glossed as 'its fruit', and Terena *-háʔi* 'fruit' do not match. Relevant comparisons internal to Mojeño itself are *kaʔi* 'to bear fruit' (Ott & Ott 1983: 556), with the cognate *ka-* of the Causative/Verbalizer prefix *ko-* ~ *ka-* of Terena, and *máʔire* 'fruitless' (Ott & Ott 1983: 333). The latter is a formation with the Privative prefix *ma-* which, attached to inalienable nouns expresses the meaning 'without' and often triggers the appearance of the suffix *-re*, an adjectivizer (see Rose 2014: 223-225 for details). Finally, *aʔi* 'guapomó' (fruit sp.) (Ott & Ott 1983: 60) is a prefix-less noun that is formally identical to the nominal stem *a-ʔi* 'fruit' (I define the stem in question as composed of the root *-a-* and the classifier *-ʔi*).

Volume 13, número 3 de dezembro de 2017
Fonologia e Morfologia de Empréstimos e Aquisição Fonológica de L2/L3
Loanword Phonology and Morphology and Phonological Acquisition of L2/L3

Revista Linguística **51**

Mojeño Ignaciano *taʔi* 'its fruit' is, in turn, comparable to Old Mojeño <*toi*> 'fruit', and a base or stem <*oy*> is inferable here as well: <*yucuquioy*> 'fruit of the tree' (cf. <*yucuqui*> 'tree'; see Marbán 1702: 239 for these forms). The correspondence between Old Mojeño *o* and Ignaciano *a* calls, however, for the reconstruction of Proto-Mojeño **o-ʔi* 'fruit', confirmed by Mojeño Trinitario *toʔi* (cf. *koʔi* 'to bear fruit'; Gill 1993: 19). Comparison of Proto-Mojeño **o-ʔi* 'fruit' and Terena *-háʔi* 'fruit' shows that these are not cognate: the **o : a* correspondence is likewise spurious, as Proto-Mojeño **o* corresponds regularly to Terena *o* (cf. **-samo : -kâmo* 'hear'; **joti : jóti* 'night'; **-woʔu : -wôʔu* 'hand').

If Mojeño Ignaciano *taʔi* 'its fruit' and Terena *háʔi* 'fruit of' were cognate, Jolkesky's (2016: 390) proposed contact etymology could be interpreted as suggesting contact between TG speakers and some shared common ancestor of Terena and Mojeño. Careful investigation of these forms shows not only that these two forms are not exactly comparable but that Ignaciano *taʔi* has a clear internal etymology and is not a TG loanword. The case of Terena *-háʔi* 'fruit' is not as clear. The form does not seem to be a cognate of Proto-Mojeño **-o-ʔi* 'fruit', as the vowel correspondence and the word-initial *h* are unexplained. For now, I will leave this form as one of unclear etymology and the hypothesis of a Guarani loanword, although still a viable possibility, requires a more detailed and stronger formulation.

2.7. Terena *-ámori* , Mojeño Ignaciano *-amari* 'grandson'

Jolkesky & Baniwa (2012) claim that the Terena kinship noun *-ámori* and its cognate in Mojeño Ignaciano, *-amari*, both meaning 'grandson', are loans, citing PTG **emɨrɨrõ* 'grandson' along with its Chiriguano reflex *h-amarĩro* as possible sources, an equation which is repeated in Jolkesky (2016: 391). See Mello (2000: 160) for this reconstructed PTG etymon.

There are important problems with the formal relations implied by the sources and putative loanwords featuring in this contact etymology. The Chiriguano form is added, one presumes, for a more compelling match of the vocalism to the Ignaciano form. Note, however, that Old Mojeño <*nuamori*> 'my grandson' (Marbán 1702: 374), that is, *nu-amori*, points unmistakably to Proto-Mojeño **-amori*, a perfect match to Terena *-ámori*; this, in turn, undoes any effect the inclusion of the Chiriguano form might have in advancing a more compelling formal similarity (Proto-Mojeño **o* and **a* merged as *a* in Ignaciano; see Carvalho 2017a, Carvalho & Rose, forthcoming). That is, if a single borrowing event is postulated - a far more probable event than one in which Terena and Proto-Mojeño

Volume 13, número 3 de dezembro de 2017
Fonologia e Morfologia de Empréstimos e Aquisição Fonológica de L2/L3
Loanword Phonology and Morphology and Phonological Acquisition of L2/L3

Revista **Linguística** 52

borrowed independently from a TG language forms that happen to comply with all known regular correspondences between the two languages - then this borrowing took place at a time that precedes the separation between Terena and Proto-Mojeño from their last shared common ancestor. This, in turn, raises a number of problems for the external chronology of the presumed contact events, given the complicated (pre-)history of the Tupi-Guarani presence in the region corresponding to today's eastern and southeastern Bolivia (see Dietrich 2008: 46-47 for some brief comments). Given the specific thematic scope of this volume, I will set this issue aside for future investigation.

As in the case of the Terena and Mojeño forms for 'husband' examined in **3.4**, there is a great deal of uncertainty here concerning the exact source form in the proposed contact etymology and even less detail or explicitness on how the formal disparity between the presumed TG source and the putative loan is to be explained. Although Mello (2000) reconstructs for PTG the etymon *emɨrirõ 'grandson', evidence from daughter languages (including Chiriguano h-amarĩro) shows that this form was likely consonant-initial at the word level, being marked either by the 'non-specific possessor' prefix t- < *t- or by the third person prefix h- < *ts- (see Jensen 1999: 153; Meira & Drude 2013).[13] This fact adds an additional complication to the proposed contact-based explanation, as loss of a word-initial consonant would be difficult to explain; moreover, undisputable cases of TG loans in Terena never show this development (see section **4**). Therefore, I conclude that careful examination of the proposed loans and source forms in this contact etymology make it a very weak proposal based in what looks like an accidental similarity only.

2.8. Baure *in* 'water'

In their significant and extremely informative work on Jorá, an extinct Tupi-Guarani language of Bolivia, Danielsen & Gasparini (2015: 455) speculate that Baure *in* 'water' could originate in TG, in particular, in the Jorá form *in* 'water' recorded by Wanda Hanke. This proposal is problematic because Baure *in* 'water' has a perfectly reasonable internal etymology and because Jorá *in* 'water' is not clearly of TG origin.

PTG *ʔɨ yields *i* in Sirionó and Yukí, the closest relatives of Jorá, due to the loss of the PTG glottal stop (Mello 2000: 76) and to a well-known shift of the high vowels *i* and *ɨ* (Crowhurst 2002). The nasal feature in Jorá *in* 'water', however, has no purely internal explanation, which

---

13   This third person prefix is analyzed as a 'relational morpheme' by some authors (see discussion in Meira & Drude 2013).

Volume 13, número 3 de dezembro de 2017
Fonologia e Morfologia de Empréstimos e Aquisição Fonológica de L2/L3
Loanword Phonology and Morphology and Phonological Acquisition of L2/L3

Revista Lingüística **53**

points to the non-inherited (borrowed) status of this form. The likely source for Jorá *in* is in fact Baure *in* 'water', a form with a clear Arawak etymology: apocope is a general development in Baure historical phonology (Danielsen 2007: 28, 51-53) and word-final vowels are preserved both in the more conservative Joaquiniano dialect, where *ine* 'water' is attested, and in 19th century data on Baure, where *<ine>* 'water' is likewise found (Adam & Leclerc 1880: 115). A form *ine* 'water' can be therefore established for Early Baure and clear cognates of it are found in Terena *úne* 'water' and Proto-Mojeño **une* (Carvalho & Rose, forthcoming; cf. Mojeño Ignaciano *une* 'water', Ott & Ott 1983: 429). Finally, Payne (1991: 425) proposes **uni* 'water' as the Proto-Arawak etymon from which these derive as reflexes. In synthesis, while Baure *in* 'water' has a clear Arawak etymology, Jorá *in* 'water' cannot be analyzed as a reflex of the TG etymon for 'water'. Given the geographic proximity of Baure and Jorá speakers and the fact that other apparent Baure loans exist in Jorá (see Danielsen & Gasparini 2015: 455-456), the safest conclusion is to accept that Jorá *in* 'water' was borrowed from Baure, and not the other way around.

2.9. Yine *-hiri*, Baure *-iron* 'father'

Jolkesky (2016: 391) matches Yine *hiri*, Baure *iron* to PTG **iru*. A single semantic gloss, 'father', is offered to the whole comparative set for the contact etymology. As discussed below, there are semantic and formal problems with this proposed equation.

PTG **iru* is reconstructed with the meaning 'to accompany' in Mello (2000: 163). Alternative reconstructions of this PTG etymon exist but, crucially, the meaning 'father' is never reconstructed: **ʔirũ* 'companion, brother' (Lemle 1971: 119) and *ʔirũ* 'companion' (Schleicher 1998: 329). On the Arawak side of the equation, Baure *-iron* means in fact 'parent', not 'father', a meaning expressed by the root *-iaʔ* instead (see Danielsen 2007: 71, 113, 117). Though these semantic problems already weaken the proposed equation, formal considerations provide the decisive evidence for rejecting this contact etymology.

Yine *-hirɨ* 'father', though a simple root synchronically, arguably shows a gender-marking Masculine suffix *-rɨ* that has been crystalized as part of the root (see, for instance, *-hnɨrɨ* 'husband of' vs. *-hnɨnro* 'wife of'; *tsrɨ* 'big/old man' vs. *tsro* 'big/old woman'; Hanson 2010: 109). The presence of suffixes with a form approximating *-ri/ɨ* for 'Masculine', opposing *-ro/u* for 'Feminine', both having Nominalizing functions as well, is a recurring feature among Arawak languages and is clearly reconstructible for the proto-language (see e.g. Matteson 1972: 162-164; Payne 1991: 377; Danielsen

Volume 13, número 3 de dezembro de 2017
Fonologia e Morfologia de Empréstimos e Aquisição Fonológica de L2/L3
Loanword Phonology and Morphology and Phonological Acquisition of L2/L3

Revista Linguística **54**

2011: 500, 514)[14]. Interesting parallels include Wapixana -*da-rɨ* 'father', -*da-ro* 'mother' (WLP 2000: 26) and Apurinã -*irɨ* 'father', -*inɨro* 'mother' (Facundes 2000: 161).[15]

Yine -*hirɨ* 'father' (arguably <*-*hi-rɨ*) has, therefore, a clear internal etymology. Baure -*iron* 'parent', for which a form -*irono* can be easily recovered based on internal evidence (Danielsen 2007: 117), has a plausible cognate in Terena -*ijêno* 'family'. The correspondence of Baure *o* to Terena *e* in medial position is not problematical, as Old Baure preserves a more conservative form <*nireno*> 'my parents' (Adam & Leclerc 1880: 2; that is: *ni-ireno*), and there is evidence that *e > o /_ Co* was a recurring development in the modern variety (see e.g. *eteno > eton(o)* 'woman'; Danielsen 2007: 52; see the next section for **r* loss in Terena). I conclude that there is no compelling reason of either a semantic or a formal nature to believe that Yine -*hirɨ* 'father' and (modern) Baure -*iron(o)* 'parent' have been borrowed from a TG source.

3. Guarani loans in Terena.

In this section I examine forms in Terena that, contrary to those discussed in the preceding sections, are very good candidates for being loanwords originating in Tupi-Guarani languages, or, in some cases, are obviously so. It is safe to say that, for now, Terena is the sole Southern Arawak language for which TG loans can be securely identified in any sizeable number. The presence of these loans can be correlated with certain aspects of the external history of the languages involved and, as I show here, this information is sometimes useful in advancing more compelling etymologies, in those cases where strictly linguistic factors fail to distinguish between competing accounts. After that I will briefly discuss one specific contact etymology including certain nouns for 'salt' attested in Arawak languages and briefly discuss the issues raised by *Wanderwörter*.

The Terena forms in table 1, most of which are nouns, lack internal etymologies and are best explained as relatively straightforward loans from some variety of Guarani.

Table 1

Guarani loans in Terena

---

14   A few languages such as Chamicuro and Terena have lost this system, while Baure has reversed the form-function association (see Matteson 1972: 161; Danielsen 2011: 500).

15   Both sources use <u> to represent IPA ɨ. I adapted the transcriptions accordingly.

Volume 13, número 3 de dezembro de 2017
Fonologia e Morfologia de Empréstimos e Aquisição Fonológica de L2/L3
Loanword Phonology and Morphology and Phonological Acquisition of L2/L3

Revista Linguística **55**

	Terena	Possible source
(a)	kâʔi 'monkey'	Old Guarani:<caí> (Montoya 1639: 86)
(b)	marakaja 'cat'	cf. PTG *kaʔi (Mello 2000: 172) Paraguayan Guarani: mbarakaja (Guasch 1956: 40)
(c)	kûre 'pig'	Old Guarani: <mbaracaîa> (Montoya 1639: 212) Paraguayan Guarani: kure (Guasch 1956: 40) Mbyá: kure (Dooley 1998: 63)
(d)	héwoe 'onion'	Paraguayan Guarani: sevói (Guasch 1956: 38) Old Guarani<ceboí> (Montoya 1639: 113v)
(e)	kurûhu 'cross'	Guarani de Corrientes kurusu (Cerno 2011: 52)
(f)	hêpi 'price'	Old Guarani:<hepĭ> 'payment' (Montoya 1639: 153)
(g)	kamûʃi 'water jar'	Old Guarani: <câmbuchi> (Montoya 1639: 87)
(h)	<moreví> 'tapir' (Taunay 1868: 131)	Old Guarani:<mborebí> (Montoya 1639: 216)
(i)	<Iandeará> 'god' (Taunay 1868: 134)	Paraguayan Guarani: ɲandejára 'our lord' (Guasch 1956: 43)
(j)	<tupá> 'god' (Bach 1916)	Paraguayan Guarani: tupã (Guasch 1956: 43) cf. PTG *tupã (Mello 2000: 198)
(k)	karápe 'short'	Old Guarani: <Carapé> (Montoya 1639: 91v)
(l)	muríka 'mule'	Old Guarani: <Mburicá> (Montoya 1639: 217)
(m)	ɲáɲa 'pineapple'	Old Guarani: <Nânâ> (Montoya 1639: 233v)
(n)	júkɨ 'salt'	jukɨ (Guasch 1956: 38) cf. PTG *jukɨr (Mello 2000: 168)
(o)	jutápa 'scissors'	Old Guarani: <Yetapá> (Montoya 1639: 195v)

The loans kurûhu 'cross', <tupá> 'god' and <Iandeará> 'god' were certainly diffused as part of the well-documented activity of Missions in the Upper Paraguay and Northern Chaco region (see e.g. Métraux 1948: 82-83; Meliá 2003: 101-107). Not only was Guarani used as a vehicle language for missionary activity, but life in Missions (or reducciones) actively promoted the use of Guarani even (or perhaps specially so) among speakers of other languages; consequently, for many indigenous groups,

Volume 13, número 3 de dezembro de 2017
Fonologia e Morfologia de Empréstimos e Aquisição Fonológica de L2/L3
Loanword Phonology and Morphology and Phonological Acquisition of L2/L3

Revista **Linguíʃtica** 56

Christianization walked hand in hand with 'Guaranization' (see Meliá 2003: 104 for discussion).[16]

Thus, while *kurûhu* 'cross' could as well be a loan from Spanish or Portuguese *cruz* 'cross' - with vowel epenthesis in medial and final position in conformity to the exclusively CV shape of Terena syllables - the known role of the Guarani language as the medium for missionary activity makes it likely that Guarani was the immediate source for the Guaná/Terena form. In this case, indeed, we have an interesting first-hand account that relates in a rather striking way to the external context of this contact etymology. José Sanchez Labrador, a well-known Jesuit missionary active in 18th century Upper Paraguay, remarks on the following interaction with two Terena families:

"In the village of the Chanás I met two men who were accompanied by their wives and children, all of them Terena and brothers of the Chanás. I took note of their language. I asked them about the presence of Christians, and whether these had reached their lands. They said that yes, in accordance to their compatriots, and pointing at the Guarani who were present, added: they came dressed like these and with necklaces (rosaries) like those around their necks" (Sanchez Labrador 1910 [1770]: 274-275; my translation).[17]

This brief testimony illustrates, single-handedly, both the close association between the Christian missionary activity in the Upper Paraguay and the Guarani, and their interaction with the Terena.

The same context set by the use missionaries made of Guarani as a 'general language' likely accounts for the diffusion of other nouns whose referents consist of Post-Columbian innovations. On *jutápa* 'scissors', Nordenskiöld (1922: 106) was perhaps the first to note that forms similar to Guarani *jetapa*, including Guaná/Terena *jutápa*, owe their distribution to Guarani influence (see also Brown 1999: 156). In this case, the change of the vowel *u* to *e* is a sporadic outcome that perhaps can be accounted for by identifying an intermediate source - either one specific Guarani dialect or another non-Tupi-Guarani language - where the change in question could be a more general development. For

---

16   Note that Old Guarani forms from Montoya (1639) cited here arguably represent 'classical Jesuit Guarani' (Meliá 2003: 107).

17   In the original: "En la población de los Chanás encontré a dos hombres que estaban con sus mujeres e hijos, todos Terenas y hermanos de los Chanás. Tomé lengua de su país. Preguntéles si tenían noticia de que hubiese cristianos cerca de sus tierras, ó si habían llegado á ellas? Respondieran que sí, según oían á sus paisanos; y que en tiempos pasados habían estado cerca de su tierra: y señalando á los Guaranis, que estaban presentes, añadieron: venían vestidos como éstos, y con collares (rosarios) como aquéllos al cuello" (Sanchez Labrador 1910 [1770]: 274-275).

Volume 13, número 3 de dezembro de 2017
Fonologia e Morfologia de Empréstimos e Aquisição Fonológica de L2/L3
Loanword Phonology and Morphology and Phonological Acquisition of L2/L3

Revista Linguística 57

now, however, I will leave this as a minor open issue.[18]

It is not implausible to suppose that some Guarani loans were restricted to the speech of specific 'partialities' of the Guaná (see Carvalho 2016a for discussion and references), likely reflecting their relatively distinct interethnic contacts and sociolinguistic circumstances (a similar pattern has been observed for certain northern Guaicurú loans; see Carvalho, forthcoming). The noun <*moreví*> 'tapir', for instance, is given in Taunay (1868: 131) as typical of the speech variety of the Layanas (also Layanás). This form is not reconstructed to PTG, but is attested in Old Guarani, modern Paraguayan Guarani and Chiriguano (see Mello 2000: 196).

The noun *kûre* 'domestic pig', though lacking an internal etymology within TG (in the sense that there is no currently accepted PTG etymon from which it derives), can be plausibly related to Guarani influence in the region as well. One reviewer suggests that this form would ultimately derive from Quechua *kuʧi*, with the same meaning. I find this proposal implausible for several reasons that I will briefly discuss.

First, the adaptation of the affricate in the presumed source *kuʧi* 'pig' as a rhotic *r* seems to defy justification, either in Guarani or in Terena, as both languages have (or had, in the case of Terena) affricates (see Carvalho 2017b, c for Terena). In fact, in those Guarani varieties that were at some point in close contact with Andean cultures, Quechua *kuʧi*, ultimately from Spanish *coche* 'pig', was indeed adopted and, in accordance to the above expectations, the source affricates were retained: thus, Chiriguano has *kuʧi* 'pig' (see Dietrich 2015).[19] A second issue is that, in spite of the claim made above, that Guarani *kure* is not at the present moment traceable to any PTG etymon, there is indeed evidence suggesting that an internal etymology is after all very likely. Note that the distribution of *kure* 'pig' among Tupi-Guarani languages is not restricted to Guarani, being attested as well in Ka'apor *kure* 'domestic pig' (Kakumasu and Kakumasu 2007:121) and in Guajajara *kurê* 'pig' (Boudin 1966: 91). Although these may turn out to be Nheengatú loans (see e.g. the Stradelli (1929: 296) materials for <*curé*> 'Porco de casa'), a basis for the etymologization of this form exists

---

18   Alternative scenarios would invoke either a remodeling of *jetapa* 'scissors' based on *ju* 'needle' (folk etymology?) or even reveal that *jutápa* preserves the inherited vocalism and that an etymological relation with *ju* 'needle' exists. This would take us far afield into Tupi-Guarani historical linguistics and out of the scope of the present paper.

19   Not surprisingly, *kure* is not included in Brown's (1999) massive overview of 'lexical acculturation' in American indigenous languages, being listed instead in the category of 'native words for foreign referents' (Brown 1999: 155-156).

Volume 13, número 3 de dezembro de 2017
Fonologia e Morfologia de Empréstimos e Aquisição Fonológica de L2/L3
Loanword Phonology and Morphology and Phonological Acquisition of L2/L3

Revista Linguíʃtica **58**

in almost every Tupi-Guarani language. In the 17th century *Vocabulario na Lingua Brasilica*, the Old Tupi vocabulary attributed to Leonardo do Vale, the form *kuré* (*<curê>*) is given as a call used by pig keepers (see Navarro 2013: 244). As noted by Brown (1999: 38), it is common for names of domestic animals to originate in sounds or formulaic interjections used as calls, and this is true as well for the European forms such as French *cochon* or Spanish *coche*. Following a suggestion that, to the best of my knowledge, was first advanced by Wolf Dietrich in an online discussion at the *Etnolinguistica* forum,[20] *kuré* is in turn related to forms such as Guajajara *kurêr* 'leftovers, scraps' (Boudin 1966) and Old Guarani *<Curé>* 'what remains after sieving the flour' (Montoya 1639: 109), which have cognates throughout the family; the semantics of the equation is based on the fact that the domestic pig is an animal commonly fed with scraps and leftovers (hence: 'scrapes, leftovers' > 'call used for pigs' > 'pig'). In sum, the source for Terena *kûre* 'pig' likely lies in Paraguayan Guarani or Mbyá *kure* 'pig' which, in turn, has a plausible internal etymology, even if spelling out in detail its internal history remains a task for the future.[21]

The Old Guarani source for Terena *héwoe* 'onion', *<ceboí>* 'onion', is in itself a loan from a form close to Spanish *cebolla* or Portuguese *cebola*. Given the maintenance to this day of *lleísmo* (that is, [ʎ] as the realization or value of *<ll>*) in the Spanish varieties of Paraguay and northwestern Argentina, including the province of Missiones (see Aleza Izquierdo 2010: 68-70), it is safe to assume that a putative Spanish source *cebolla* had the palatal lateral ʎ in its final syllable. In Terena, where the lateral *l* exists as an independent phoneme in contrast with the rhotic *r*, Portuguese/Spanish laterals are usually kept as such: *lâta* 'can' < *lata*, *alúka-ʃo* 'to rent' < *alugar*, *láwona* 'lake, lagoon' < *laguna* (Sp.). For Guarani, in turn, where *l* is unattested as a (native) contrastive segment, it becomes less straightforward to predict how phonological adaptation would take place. In modern Guarani varieties, where, one could argue, *l* was introduced by the long influx of Spanish loans (Gregores & Suárez 1967: 89), *l* and *ll* are usually retained as such. However, in 'Jesuit Guarani', the Spanish palatal lateral ʎ was adapted as *j*, according to the description of Montoya (1640: 6), who notes the Guarani pronunciation <Cabayu> for <Caballo>. Therefore, the known patterns of adaptation for lateral consonants in both Terena and Old Guarani are entirely in agreement with the hypothesis that the noun for 'onion' in Romance languages, most likely Spanish, was first borrowed into Guarani,

---

20   The interested reader should consult the link: http://listserv.linguistlist.org/pipermail/etnolinguistica/2008-August/001768.html

21   Note that the word-final correspondence for Guarani *kure* and forms such as Guajajára *kurêr* is accountable in general terms, given the loss of word-final consonants that characterizes Guarani varieties (see Jensen 1999: 143-144).

Volume 13, número 3 de dezembro de 2017
Fonologia e Morfologia de Empréstimos e Aquisição Fonológica de L2/L3
Loanword Phonology and Morphology and Phonological Acquisition of L2/L3

Revista Linguística **59**

where ʎ was adapted as *j*, and only latter in Terena.[22]

3.1. Stratigraphy of Guarani loans in Terena.

Once a seriation of phonological and morphological developments has been established for a given language, it becomes possible to place (that is, to date in relative terms) the entry of loanwords in a language as part of specific chronological strata. This is only possible, of course, because sound changes are regular and, yet, they eventually come to an end (see Andersen 2003; Janda 2003). If a sound change is operative at a certain time *t1* in the history of a language, any loanwords entering the language after that period may fail to show the effects of this change, though they will certainly show the effects of changes applying at a later moment *t2*. Two sound changes that took place in the history of Terena are particularly useful for allocating the Guarani loans to a specific stratigraphic layer. An earlier change that marks Terena quite conspicuously as different from its closest relative, Mojeño, consists in the loss of **r* in all contexts, except preceding **i* (see Carvalho, forthcoming). Some relevant comparative evidence is given in table 2.

Table 2

Comparative evidence for **r* loss in Terena, except /_*i*

	Terena	Proto-Mojeño
Pet [23]	-pêjo	*-pero
Name [24]	ihâe	*iha-re
Fog	jôu	*ijoru
Nose	-kîri	*-siri
Stone	marîpa	*mari
Grandson	-ámori	*-amori

---

22   From *seßoja 'onion', the unattested direct adaptation of Spanish cebolla in Old Guarani, loss of the auslaut vowel can be accounted for by a syllabic reanalysis of j (consistent with the word-final accentuation of the outcome <Ceboí> 'onion') and the interpretation of -a as the Argumentative marker. Old Guarani is one of the TG languages where PTG *-a was lost after a vowel (see Cabral 2001: 138-140).

23   The optional appearance of a transition palatal glide between e and o is a general feature of Terena phonetics, observed in synchronic fluctuations such as -weo ~ -wejo 'to grab, catch'.

24   The suffix *-re in Proto-Mojeño is an Absolute marker used with inalienable nouns when these occur without an overt possessor. In Terena, however, this suffix was absorbed into the root

Volume 13, número 3 de dezembro de 2017
Fonologia e Morfologia de Empréstimos e Aquisição Fonológica de L2/L3
Loanword Phonology and Morphology and Phonological Acquisition of L2/L3

Revista Linguística 60

A later change, extensively discussed in Carvalho (2017b, c), mapped the coronal fricatives *s* and *ʃ* of (Early) Terena to the glottal fricative *h*. Uncontroversial Guarani loans in Terena can be shown to have entered the language between the operation of these two changes, as they do not display the effects of the first change, but were subject to the latter just like every other item of the inherited Arawak lexicon of Terena:

(2)   *Preliminary stratigraphy of the Guarani stratum in the lexicon of Terena:*

<u>Stage I</u>: *operation of *r > ∅*

*ma**r**akaja < ma**r**akaja*   'cat'

*kû**r**e < ku**r**e*   'pig'

*kurû**hu** < kuru**su***   'cross'

***h**évoe < **s**evoi*   'onion'

<u>Stage II</u>: *debuccalization of* s *and* ʃ

Note that *kamûʃi* 'water jar' is not an exception: in Old Guarani *<câmbuchi>* (Montoya 1639: 87), *<ch>* stands for an affricate, and affricate realizations of the obstruent often phonemicized as *ʃ* are common in some varieties of Guarani in Paraguay and Argentina (see e.g. Cerno 2011: 46-47). As independent evidence suggests that, after the debuccalization of fricatives (Stage II above), the Terena affricates started to show fricative realizations as well, it follows that the fricative in *kamûʃi* 'water jar' entered the language as an affricate *t͡ʃ*.

The stratigraphic distribution of Guarani loans can be contrasted with that of Spanish and Portuguese loanwords. Spanish loanwords seem to belong to a similar chronological stratum, since they commonly show the effects of fricative debuccalization: ***h**ándea < **s**andía* 'watermellon', *a**h**ára < a**z**ada* 'hoe', *pé**hu*** 'silver' (Ekdahl & Butler 1969) *< pe**s**o*, *ké**hu** < que**s**o* 'cheese'. Aside from forms that could be of either Portuguese or Spanish origin, such as ***h**apátu < **s**apato/**z**apato* 'shoes' and ***h**undáru < **s**oldado* 'soldier', clear Portuguese loans belong either to this same stratum, for

after *-re > -e, thus leading to an allomorphic alternation ihâe ~ -îha, the latter allomorph restricted to possessive constructions.

Volume 13, número 3 de dezembro de 2017
Fonologia e Morfologia de Empréstimos e Aquisição Fonológica de L2/L3
Loanword Phonology and Morphology and Phonological Acquisition of L2/L3

Revista Linguística **61**

instance, *léhu* < *lenço* 'handkerchief' or, more commonly, to a later stratum that does not show the effects of fricative debuccalization: *síngu* 'five' < *cinco* 'five'; *aʃúka* < *açúcar* 'sugar'; *karîʃo* < *carijó* 'Carijó' (hen sp.) and *kasátu-ʃo* 'to marry' (-ʃo is a Verbal thematic suffix) < *casado* 'married', *mêsa* < *mesa* 'table'; *pêʃou* < *feijão* 'beans'.

The distribution of these loanword strata in the relative chronology revealed by internal developments - Guarani and Spanish loans preceding the entry of Portuguese loans - is consistent with the known aspects of the external history of Terena speakers,[25] who started to migrate from the Chaco, crossing the Paraguay river and entering the territory of Brazil in the late 18th century, a process that came to completion around 1840 (see Carvalho 2016a and references therein). Existing documentary evidence on the language, notably Taunay (1868) and Schmidt (1903), reveal that the debuccalization of fricatives *s* and *ʃ* took place only around the turn of the 19th and 20th centuries or in the first decades of the latter.

3.2. Terena *júki* 'salt' and the value of careful contact etymologies

Jolkesky & Baniwa (2012) and, later, Jolkesky (2016: 391), correctly identify Terena *júki* 'salt' as a form that likely goes back to a TG language, comparing it to PTG **jukɨr* 'salt'. The equation they offer is, more precisely, one that includes this PTG etymon and the following Arawak forms: Baniwa *jokíra*, Yavitero *jukira*, Bahuana *jukɨra* and Terena *juki-na*. No specific source is offered for Terena *juki-na*, presumably included instead of the form *júki* 'salt' because *-na* would make the match with the other Arawak forms more impressive. Nevertheless, the comparison is clearly untenable, and misses some important bits of information.

The Terena suffix *-na* is a Possessive suffix used when an alienable noun occurs in a possessive construction (e.g. ∅-*mesá-na* 'his/her table'; ∅- is the realization of a third person possessor/Subject in the language). This suffix *-na* constitutes the sole productive reflex of a more complex system of Possessive markers reconstructed for Proto-Arawak and still attested in many languages of the family (see Payne 1987, 1991 for discussion). Including it in the etymology is not only misleading, as Baniwa, Yavitero and Bahuana word-final [ra] are unanalyzable and have no etymological relation whatsoever to Terena *-na*, but is also detrimental to an understanding of the Arawak-TG language

Volume 13, número 3 de dezembro de 2017
Fonologia e Morfologia de Empréstimos e Aquisição Fonológica de L2/L3
Loanword Phonology and Morphology and Phonological Acquisition of L2/L3

Revista Linguística **62**

contact.

All Arawak forms presented by Jolkesky (2016) for the meaning 'salt' are loans from at least two different reflexes of the PTG etymon *jukɨr* 'salt'. Northern Amazonian languages like Baniwa and Yavitero borrowed from a source in Nheengatu (Amazonian Lingua Geral), a language where the reflex of PTG *jukɨr* is *jukɨra*, after the absorption of the PTG argumentative case marker *-a* as part of the root (see Cabral 2001: 142; also, Rodrigues 1996). In Terena, however, the TG source for this form was likely a variety of Guarani, all of which have lost every trace of the suffix *-a* (Cabral 2001: 137) and, after losing most or all root-final consonants, show reflexes of PTG *jukɨr* 'salt' that are identical to Paraguayan Guarani *jukɨ* (Guasch 1956: 38; see also Jensen 1999: 143-144; Mello 2000: 168).[26] As a consequence, though it is correct to state, if a reconstructed etymon in the donor language's family is set as the *terminus a quo* of our contact etymology, that Terena *júki* and Yavitero *jukɨra*, both meaning 'salt', can be traced back to PTG *jukɨr* 'salt', it is also the case that ignoring the information on the immediate TG sources for these loanwords misses critical information on the relevant contact situations and opens the possibility for highly problematic formal equations in the proposed etymologies. Without the knowledge that PTG *jukɨr*, or, more precisely, PTG *jukɨr-a*, has a reflex *jukɨ* in the TG languages more likely to have been in contact with Terena, there would be no way to derive Terena *júki* from this PTG source in a compelling and general way, producing thus a very weak etymology.

3.3. A Brief Note on Wanderwörter.

A substantial number of the TG loanwords in Arawak languages correctly identified by Jolkesky (2016: 391) arguably result from the spread of Nheengatú, including names for certain domesticated plants and fauna items, including the forms for 'salt' discussed in the preceding section (see Rodrigues 1996 for a masterful review of the historical development of the Tupi-Guarani *Línguas Gerais*). A problem raised by many of these forms is that they likely constitute *Wanderwörter*, that is, forms widely diffused in certain regions, whose history includes multiple links in transmission chains and present particular difficulties for historical linguists (see e.g. Haynie *et al*. 2014). In fact, many of these forms reached speakers and languages that never had any kind of direct or face-to-face interaction

---

26   The following observations are in order: Old Guarani seems to have retained the case marker *-a as a functioning morpheme, at least with consonant-final roots, and other Guarani varieties have retained reflexes of this morpheme as word-final vowels crystallized in root (e.g. Paraguayan Guarani óga 'house' < *ok-a). The precise relation between the two changes - root-final consonant loss and loss of the suffix *-a - is a matter of controversy (see Cabral 2001 for discussion and references).

Volume 13, número 3 de dezembro de 2017
Fonologia e Morfologia de Empréstimos e Aquisição Fonológica de L2/L3
Loanword Phonology and Morphology and Phonological Acquisition of L2/L3

Revista Linguística 63

with the speakers of the source languages, thus adding uncertainty concerning the contact situations behind their diffusion: thus, Nadahup languages, such as Hup, adopted forms ultimately originating in Nheengatú through the intermediation of the Tukano language (see e.g. Epps 2015: 586). For Terena *júki* 'salt', and perhaps other forms of ultimate TG origin noted in **4**, the possibility that intermediate transmission chains through other languages may be involved is both an additional difficulty and an intriguing path for further research. The fact that Kadiwéu has a form *jóki* 'salt' (Griffiths 2002: 225) and that close cultural interaction between Terena speakers and speakers of Northern Guaicuruan languages (Mbayá and Kadiwéu) has left noticeable traces in the lexicon of Terena (see Carvalho, forthcoming), makes this a plausible hypothesis. In those cases where a given *Wanderwort* has no established etymology tracing its origins to a specific language or group, additional complications arise. As an example, some of the Warazú words that Ramirez & França (2017: 48) deem as Arawak in origin, like *kabe* 'dog', are widespread in the whole region of the Upper Madeira and its tributaries and, for this reason, are very difficult to incorporate in detailed and informative contact etymologies. In these cases, the establishment of specific source languages is an even more daunting if not entirely hopeless task.

Conclusions

This paper examined many lexical similarities noticed between southern Arawak and Tupi-Guarani languages that have been advanced in the published literature as evidence for the transmission or replication of Tupi-Guarani lexical items in the Arawak languages in question. By applying, to these comparisons, the same standards of rigor usually applied to internal etymologies, and following certain methodological guidelines designed to establish contact as a plausible explanation for attested similarities, I was able to show that most of these claims can be rejected. As such, the proposed equations of lexical items in Arawak languages with their presumed sources in Tupi-Guarani languages can be deemed as accidental or historically-uninteresting similarities, that is, similarities that point neither to common origin nor, as intended by their proponents, as evidence of contact. Moreover, by showing that the Arawak forms in question have credible internal etymologies I have clarified or further illustrated aspects of the historical development of these languages, as well as raising issues that were so far unacknowledged, such as the unclear status of Terena *-háʔi* 'fruit' and the inference of past contacts between Terena and Arawak languages of the Campa branch.

For one specific southern Arawak language, Terena, I presented a set of forms that can be reliably traced to a source in one or more Guarani varieties, with Old or 'Jesuitic' Guarani having a

Volume 13, número 3 de dezembro de 2017
Fonologia e Morfologia de Empréstimos e Aquisição Fonológica de L2/L3
Loanword Phonology and Morphology and Phonological Acquisition of L2/L3

Revista Linguíʃtica 64

fair share of importance in the processes behind the diffusions of these loanwords. In arguing for these contact etymologies, I relied on both purely internal linguistic factors and on non-linguistic factors characterizing the external history of the languages in question. I also succeeded in establishing an overall chronology for the entry of these forms via horizontal transfer in Terena history by relating it to a set of chronologically ordered phonological developments. Further complications were addressed as well, particularly those related to the status of certain items as *Wanderwörter* - thus implying the plausible existence of multiple transmission chains from their etymological sources, when these can be identified at all - and to the fact that Proto-Tupi-Guarani etyma do not constitute plausible or workable sources for including in contact etymologies with Arawak languages. These two factors should not be missed in future investigations of this topic.

REFERENCES

Adam, L. and C. Leclerc. 1880. *Arte de la Lengua de los Indios Baures de Provincia de los Moxos*. Bibliothèque Linguistique Américaine, Tome VII. Paris: Maisonneuve y Cia. Libreros Editores.

Aikhenvald, Alexandra. 2003. *A Grammar of Tariana*. Cambridge: CUP.

Aleza Izquierdo, Milagros. 2010. Fonética y Fonología. In: Milagros Aleza Izquierdo and José Maria Enguita Utrilla (eds.) *La Lengua Española en América: Normas y Usos Actuales*. Universitat de València.

Andersen, Henning. 2003. Introduction. In: Henning Andersen (ed.) *Language Contacts in Prehistory: Studies in Stratigraphy*. Amsterdam: John Benjamins: 1-10.

Bach, J. 1916. Datos sobre los Indios Terenas de Miranda.

Boček, Vít. 2013. Etymology and Language Contact Studies: Some Notes on Mutual Relationships. In: Bohumil Vykypel and Vít Boček (eds.) *Etymology: An Old Discipline in New Contexts*. Studia Etymologica Brunensia 16. Praha: Lakladatesltví Lidové noviny: 13-21.

Boudin, Max. 1966. *Dicionário de Tupi Moderno: Dialeto Tembé-Ténêtéhar do Alto Rio Gurupi*. São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas.

Brandão, Ana Paula. 2014. A Reference Grammar of Paresi. Doctoral Dissertation, University of

Volume 13, número 3 de dezembro de 2017
Fonologia e Morfologia de Empréstimos e Aquisição Fonológica de L2/L3
Loanword Phonology and Morphology and Phonological Acquisition of L2/L3

Revista Linguística **65**

Texas at Austin.

Brown, Cecil H. 1999. *Lexical Acculturation in Native American Languages.* New York, Oxford: OUP.

Cabral, Ana Suelly. 2001. Observações Sobre a História do Morfema -*a* da Família Tupi-Guarani. In: F. Queixalós (ed.) *Des Noms et des Verbes en Tupi-Guarani: État de la Question.* München: LINCOM Europa.

Campbell, Lyle. 2003. Beyond the Comparative Method? In: Barry Blake and Kate Burridge (eds.) *Historical Linguistics 2001*. Amsterdam: John Benjamins: 33-57.

Cardoso de Oliveira, Roberto. 1976. *Do Índio ao Bugre. O Processo de Assimilação dos Terena.* Rio de Janeiro: Francisco Alves.

Carvalho, Fernando O. de. 2016a. Terena, Chané, Guaná and Kinikinau are One and the Same Language: Setting the Record Straight on Southern Arawak Linguistic Diversity. *LIAMES (Línguas Indígenas Americanas)* 16 (1): 39-57.

Carvalho, Fernando O. de. 2016b. Internal and Comparative Reconstruction in Yawalapiti: Palatalization and Rule Telescoping. *International Journal of American Linguistics* 82 (3): 285-316.

Carvalho, Fernando O. de. 2017a. On Terena (Arawakan) -*pâho* 'mouth': Etymology and Implications for Internal Classification. *Journal of Language Relationship* 15 (2): 69-86.

Carvalho, Fernando O. de. 2017b. Philological Evidence for Phonemic Affricates and Diachronic Debuccalization in Early Terena (Arawak). *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.* 12 (1): 157-171.

Carvalho, Fernando O. de. 2017c. Fricative Debuccalization and Primary Split in Terena (Arawak) Historical Phonology. *International Journal of American Linguistics* 83 (3): 509-537.

Carvalho, Fernando O. de. Forthcoming. Arawakan-Guaicuruan Language Contact in the South

American Chaco. *International Journal of American Linguistics* (April/2018 issue).

Carvalho, Fernando O. de and Françoise Rose. Forthcoming. Comparative Reconstruction of Proto-Mojeño and the Diversification of Mojeño Dialects. *LIAMES (Línguas Indígenas Americanas)*.

Corbera Mori, Angel. 2007. Aspectos da Estrutura Nominal em Mehináku (Arawak). *Estudos Linguísticos* 36: 249-257.

Crowhurst, Megan. 2002. Un Intercambio de Vocales Altas en Sirionó (Tupi-Guarani). *LIAMES* 2: 7-28.

Cruz, Aline da. 2011. *Fonologia e Gramática do Nheengatú: A Língua Geral Falada pelos Povos Baré, Warekena e Baniwa*. Utrecht: LOT.

Danielsen, Swintha. 2007. *Baure: An Arawak Language of Bolivia.* Leiden: CNWS.

Danielsen, Swintha. 2011. The Personal Paradigms in Baure and Other Southern Arawakan Languages. *International Journal of American Linguistics* 77 (4): 495-520.

Danielsen, Swintha and Noé Gasparini. 2015. News on the Jorá (Tupi-Guarani): Sociolinguistics, Description and Classification. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi Cienc. Hum.* 10 (2): 441-466.

Danielsen, Swintha and Lena Terhart. 2014. Paunaka. In: Pieter Muysken and Milly Crevels (eds.) *Las Lenguas de Bolivia, Vol. 3.* La Paz: Plural Editores: 221-258.

Dietrich, Wolf. 2008. Nuevos Aspectos de la Clasificación del Siriono y del Yuki (Tupi-Guarani). In: Cristina Messineo, Marisa Malvestitti and Roberto Bein (eds.) *Estudios en Lingüística y Antropología: Homenaje Ana Gerzenstein*. Buenos Aires: UBA: 39-48.

Dietrich, Wolf. 2015. Chiriguano Dictionary. In: Mary Ruth Key and Bernard Comrie (eds.) *The Intercontinental Dictionary Series*. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology (available online at: http://ids.clld.org/contributions/289, accessed 2018-01-24).

Dooley, Robert. 1998. *Léxico Guarani, Dialeto Mbyá*. Porto Velho: Sociedade Internacional de

Linguística.

Durkin, Philip. 2009. *The Oxford Guide to Etymology*. Oxford: OUP.

Ekdahl, Elizabeth M. and Nancy Butler. 1979. *Aprenda Ter*êna. Brasília: Summer Institute of Linguistics (SIL).

Epps, Patience. 2015. Historical Linguistics and Socio-Cultural Reconstruction. In: Claire Bowern and Bethwyn Evans (eds.) *The Routledge Handbook of Historical Linguistics*. New York: Oxford: 579-597.

Facundes, Sidney. 2000. The Language of the Apurinã People of Brazil (Maipure/Arawak). Doctoral Dissertation, SUNY at Buffalo.

Gill, Wayne. 1993. *Diccionario Trinitario-Castellano, Castellano-Trinitario*. Misión Nuevas Tribus.

Grannier Rodrigues, Daniele M. 1990. *Fonologia do Guarani Antigo*. Campinas: Editora da Unicamp.

Greenberg, Joseph. 1957. The Problem of Linguistic Subgroupings. In: Joseph Greenberg. *Essays in Linguistics*. Chicago: The University of Chicago Press.

Gregores, Emma and Jorge Suárez. 1967. *A Description of Colloquial Guarani*. Janua Linguarum. The Hague: Mouton & Co.

Griffiths, Glyn. 2002. *Dicionário da L*íngua Kadiwéu. Cuiabá: SIL.

Guasch, Antonio. 1956. *El Idioma Guarani: Gramática y Antologia de Prosa y Verso*. Asunción: Casa América.

Hanson, Rebecca. 2010. A Grammar of Yine (Piro). Doctoral Dissertation, La Trobe University.

Harrison, S. P. 2003. On the Limits of the Comparative Method. In: Brian Joseph and Richard Janda (eds.) *The Handbook of Historical Linguistics*. Blackwell Publishing: 213-243.

Volume 13, número 3 de dezembro de 2017
Fonologia e Morfologia de Empréstimos e Aquisição Fonológica de L2/L3
Loanword Phonology and Morphology and Phonological Acquisition of L2/L3

Revista Linguística **68**

Haynie, Hannah, Claire Bowern, Patience Epps, Jane Hill and Patrick McConvell. 2014. Wanderwörter in Languages of the Americas and Australia. *Ampersand* 1: 1-18.

Heitzman, Allene. 1973. Reflexes of Some Proto-Campan Consonants in Modern Campan Languages and Dialects. MA Thesis, University of Kansas.

Jacques, Guillaume. 2012. A Siouan-Algonquian Wanderwort: The Name of the Bear. *Amerindia* 36: 187-193.

Janda, Richard. 2003. Phonologization as the Start of Dephoneticization - Or: On Sound Change and its Aftermath. In: Brian Joseph and Richard Janda (eds.) *The Handbook of Historical Linguistics*. Blackwell Publishing: 401-422.

Jensen, Cheryl. 1999. Tupi-Guarani. In: R. M. W. Dixon and Alexandra Aikhenvald (eds.) *The Amazonian Languages*. Cambridge: CUP: 125-164.

Jolkesky, Marcelo and Edilson Baniwa. 2012. Distinguindo Léxico Endógeno e Exógeno nas Línguas Arawak. *International Meeting Americanists 2012*

Jolkesky, Marcelo. 2016. Estudo Arqueo-Ecolinguístico das Terras Tropicais Sul-Americanas. Doctoral Dissertation, Universidade de Brasília (UnB).

Kakumasu, James and Kiyoko Kakumasu. 2007. *Dicionário por Tópicos Kaapor-Português*. Cuiabá: SIL.

Kindberg, Lee. 1980. *Diccionário Ashaninca*. Peru: Instituto Lingüístico de Verano (ILV).

Krisch, Thomas. 2010. Etymology. In: Sylvia Luraghi and Vit Bubenik (eds.) *The Continuum Companion to Historical Linguistics*.

Kroonen, Guus. 2012. Non-Indo-European Root Nouns in Germanic: Evidence in Support of the Agricultural Substrate Hypothesis. *A Linguistic Map of Prehistoric Northern Europe*. Mémoirs de la Société Finno-Ougrienne 266. Helsinki: 239-260.

Volume 13, número 3 de dezembro de 2017
Fonologia e Morfologia de Empréstimos e Aquisição Fonológica de L2/L3
Loanword Phonology and Morphology and Phonological Acquisition of L2/L3

Revista Lingüística **69**

Lawrence, Aimee. 2014. Reconstruction of Proto-Kampa Verbal Morphology. *Proceedings of the 38th Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*: 256-271.

Lemle, Miriam. 1971. Internal Classification of the Tupi-Guarani Linguistic Family. In: John Bendor-Samuel (ed.) *Tupi Studies I*. Summer Institute of Linguistics: 107-129.

List, Johann-Mattis, Thomas Mayer, Anselm Terhalle and Matthias Urban. 2014. CLICS Database of Cross-Linguistic Colexifications. Forschungszentrum Deutscher Sprachatlas (Version 1.0, online available at http://clics.lingpy.org/main.php).

Mailhammer, Robert. 2013. Towards a Framework of Contact Etymology. In: Robert Mailhammer (ed.) *Lexical and Structural Etymology*. Berlin: Mouton de Gruyter: 9-31.

Mailhammer, Robert. 2015. Etymology. In: Claire Bowern and Bethwyn Evans (eds.) *The Routledge Handbook of Historical Linguistics*. New York: Routledge: 423-441.

Marbán, Pedro. 1702. *Arte de la Lengua Moxa, com su vocabulário, y cathecismo*. Lima: Imprenta Real de Joseph de Contreras.

Matteson, Esther. 1972. Proto-Arawakan. In: Esther Matteson, Alva Wheeler, Frances Jackson, Nathan Waltz and Diana Christian (eds.) *Comparative Studies in Amerindian Languages*. The Hague: Mouton: 160-242.

Mees, Bernard. 2003. Stratum and Shadow: A Genealogy of Stratigraphy Theories from the Indo-European West. In: Hennig Andersen (ed.) *Language Contacts in Prehistory: Studies in Stratigraphy*. Amsterdam: John Benjamins: 11-44.

Meira, Sérgio and Sebastian Drude. 2013. Sobre a Origem Histórica dos "Prefixos Relacionais" das Línguas Tupi-Guarani. *Cadernos de Etnolingüística* 5 (1).

Meliá, Bartolomeu. 2003. *La Lengua Guarani en el Paraguay Colonial*. Asunción: Centro de Estudios Paraguayos Antonio Guasch.

Mello, Antônio A. 2000. Estudo Histórico da Família Lingüística Tupi-Guarani. Doctoral

Volume 13, número 3 de dezembro de 2017
Fonologia e Morfologia de Empréstimos e Aquisição Fonológica de L2/L3
Loanword Phonology and Morphology and Phonological Acquisition of L2/L3

Revista Linguística **70**

Dissertation, Universidade Federal de Santa Catarina.

Métraux, Alfred. 1948. The Guarani. In: Julian H. Steward (ed.) *Handbook of South American Indians. Vol. 3, The Tropical Forest Tribes*. Smithsonian Institution. Washington: US Government Printing Office: 69-94.

Michael, Lev. 2006. La Incorporación Verbal y los Clasificadores Nominales en el Idioma Nanti. *Proceedings of the Second Conference on the Indigenous Languages of LatinAmerica (CILLA)*. (available online: http://wwwailla.lib.utexas.edu/site/cilla2/Michael_CILLA2_nanti.pdf).

Michael, Lev and Zachary O'Hagan. 2016. A Linguistic Analysis of Old Omagua Ecclesiastical Texts. *Cadernos de Etnolingüística, Série Monografias 4*.

Mihas, Elena. 2015. *A Grammar of Alto Perené (Arawak)*. Berlin: Mouton de Gruyter.

Montoya, Antonio Ruiz de. 1639. *Tesoro de la Lengua Guarani*. Madrid.

Montoya, Antonio Ruiz de. 1640. *Arte de la Lengua Guarani*. Madrid.

Navarro, Eduardo de Almeida. 2013. *Dicionário de Tupi Antigo, A Língua Indígena Clássica do Brasil*. São Paulo: Editora Global.

Nordenskiöld, Erland. 1922. *Deductions Suggested by the Geographic Distribution of Some Post-Columbian Words Used by the Indians of South America*. Göteborg: Elanders Boktryckeri Aktiebolag.

O'Hagan, Zachary. 2011. Proto-Omagua-Kokama: Grammatical Sketch and Prehistory. BA Thesis, UC Berkeley.

Olza Zubiri, Jesús, Conchita Nuni de Chapi and Juan Tube. 2002. *Gramática Moja Ignaciana (Morfosintaxis)*. San Cristobal: Universidad Católica del Táchira.

Ott, Willis and Rebecca Ott. 1983. *Diccionario Ignaciano y Castellano con Apuntes Gramaticales*. Cochabamba: Instituto Lingüístico de Verano (ILV).

Volume 13, número 3 de dezembro de 2017
Fonologia e Morfologia de Empréstimos e Aquisição Fonológica de L2/L3
Loanword Phonology and Morphology and Phonological Acquisition of L2/L3

Revista Lingüística **71**

Parker, Stephen G. 1995. *Datos de la Lengua Iñapari*. Yarinacocha: Instituto Lingüístico de Verano (ILV).

Payne, David. 1987. Some Morphological Elements of Maipuran Arawakan. *Languages Sciences* 9: 57-75.

_____. 1991. A Classification of Maipuran (Arawakan) Languages Based on Shared Lexical Retentions. In: Desmond Derbyshire and G. K. Pullum (eds.) *Handbook of Amazonian Languages, Vol. III*. Berlin: Mouton de Gruyter.

Postigo, Adriana. 2014. Língua Wauja (Arawak): Uma Descrição Fonológica e Morfossintática. Doctoral Dissertation, UNESP.

Ramirez, Henri. 2001. *Línguas Arawak da Amazônia Setentrional: Comparação e Descrição.* Manaus: EDUA.

Rodrigues, Aryon. 1996. As Línguas Gerais Sul-Americanas. *PAPIA* 4 (2): 6-18.

Rose, Françoise. 2014. Negation and Irrealis in Mojeño Trinitario. In: Lev Michael and Tania Granadillo (eds.) *Negation in Arawak Languages*. Leiden, Boston: BRILL: 216-240.

Rose, Françoise. 2015. Innovative Complexity in the Pronominal Paradigm of Mojeño: A Result of Contact?

Ross, Malcolm. 2007. Calquing and Metatypy. *Journal of Language Contact* 1 (1): 116-143.

Rowan, Orlando. 2008. *Dicionário Paresi-Português*. Cuiabá: Sociedade Internacional de Lingüística.

Sanchez Labrador, José. 1910. *El Paraguay Católico. Tomo II*. Buenos Aires: Imprenta Hermanos.

Seki, Lucy. 1999. The Upper Xingu as an Incipient Linguistic Area. In: R. M. W. Dixon and Alexandra Aikhenvald (eds.) *The Amazonian Languages*. Cambridge: CUP: 417-430.

_____. 2011. Alto Xingu: Uma Área Linguística? In: Bruna Franchetto (ed.) *Alto Xingu: Uma*

Volume 13, número 3 de dezembro de 2017
Fonologia e Morfologia de Empréstimos e Aquisição Fonológica de L2/L3
Loanword Phonology and Morphology and Phonological Acquisition of L2/L3

Revista Linguística **72**

Sociedade Multilíngue. Rio de Janeiro: Museu do Índio, FUNAI: 57-85.

Schleicher, Charles O. 1998. Comparative and Internal Reconstruction of Proto-Tupi-Guarani. Doctoral Dissertation, University of Wisconsin-Madison.

Schmidt, Max. 1903. Guaná. *Zeitschrift für Ethnologie* 35 (4): 560-604.

Shaver, Harold. 1996. *Diccionário Nomatsiguenga-Castellano.* Peru: Instituto Lingüístico de Verano (ILV).

Stradelli, Ermano. 1929. Vocabularios da Lingua Geral Portuguez-Nheêgatú e Nheegatú-Portuguez. *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, Tome 104, Volume 158: 9-768.

Suárez, Jorge. 1985. Loan Etymologies in Historical Method. *International Journal of American Linguistics* 51 (4): 574-576.

Taunay, Alfredo. 1868. *Scenas de Viagem: Exploração entre os Rios Taquary e Aquidauana no Districto de Miranda*. Rio de Janeiro: Typographia Americana.

Thomason, Sarah G. 2001. *Language Contact: An Introduction.* Edinburgh: EUP.

_____. 2009. How to Establish Substratum Interference. In: Yasuhiko Nagano (ed.) *Issues in Tibeto-Burman Historical Linguistics*. Senri Ethnological Studies 75. Osaka: National Museum of Ethnology: 319-328.

_____. 2010. Contact Explanations in Linguistics. In: Raymond Hickey (ed.) *The Handbook of Language Contact*. Wiley-Blackwell: 31-47.

Trask, Robert. 2000. *The Dictionary of Historical and Comparative Linguistics*. London: Taylor & Francis.

Viegas Barros, José Pedro. 2013. *Proto-Guaicurú*. München: LINCOM Europa.

Watkins, Calvert. 1990. Etymologies, Equations and Comparanda: Types and Values, and Criteria for Judgment. In: Philip Baldi (ed.) *Linguistic Change and Reconstruction Methodology.* Berlin:

Volume 13, número 3 de dezembro de 2017
Fonologia e Morfologia de Empréstimos e Aquisição Fonológica de L2/L3
Loanword Phonology and Morphology and Phonological Acquisition of L2/L3

Revista Linguística **73**

Mouton de Gruyter: 289-303.

WLP (Wapishana Language Project). 2000. *Scholar's Dictionary and Grammar of the Wapishana Language*. Lethem, Guyana: Wapishana Language Project.

Volume 13, número 3 de dezembro de 2017
Fonologia e Morfologia de Empréstimos e Aquisição Fonológica de L2/L3
Loanword Phonology and Morphology and Phonological Acquisition of L2/L3

Revista Linguística **74**